



Jéssica Sofia Silva Cabral

190140014

**O contributo das histórias da
literatura para a infância para
uma educação
multi/intercultural**

Relatório do Projeto de Investigação do
Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora

Ana Cristina Crespo Pires Sequeira

Janeiro de 2021

Agradecimentos

Este projeto de investigação marca o final de uma grande etapa na minha vida. Para a realização deste projeto, embora seja um processo solitário, pude contar com a ajuda de várias pessoas. Por isso, desejo expressar o meu agradecimento à ESE e a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, fizeram parte deste processo:

à Escola Superior de Educação de Lisboa, onde iniciei esta caminhada, ao realizar a minha licenciatura.

à Escola Superior de Educação de Setúbal e toda a comunidade educativa.

à minha orientadora, Professora Doutora Ana Cristina Crespo Pires Sequeira, pela sua ajuda, disponibilidade, partilha de saberes e, sobretudo, por incentivar e estimular o meu interesse pelo tema da presente investigação.

à professora cooperante, Ana Santana, por quem fui tão bem recebida, pela ajuda e conhecimentos transmitidos durante os momentos de estágio.

à professora Catarina Delgado, pelo apoio e disponibilidade durante as sessões da Unidade Curricular de Estágio IV.

aos alunos da turma P4A, pelo carinho, colaboração, entusiasmo e pelas aprendizagens que me proporcionaram. Sem eles, a elaboração deste projeto não teria tido o mesmo significado.

aos meus pais, a quem devo tudo o que sou hoje, por me apoiarem em tudo, por sempre me motivarem e acreditarem em mim. Por serem sempre o meu porto de abrigo e estarem ao meu lado em todos os momentos. Pelo amor, carinho, conforto, enfim, por tudo. Por serem os melhores pais do mundo.

às minhas irmãs, por sempre se orgulharem de mim, pelo amor, carinho e todas as palavras de incentivo e conforto.

ao meu namorado, pelo amor, carinho, encorajamento e apoio incondicional.

aos meus amigos, pela compreensão e momentos de alegria.

A todos, muito obrigada!

Resumo

O projeto de investigação de que este relatório testemunhou teve como finalidade compreender de que forma a literatura para a infância pode contribuir para uma educação multi/intercultural. Este estudo foi realizado na Unidade Curricular de Estágio IV, numa turma de 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Para a realização do projeto, foi formulada a seguinte questão: “Como é que as histórias da literatura para a infância podem contribuir para uma educação multi/intercultural?”, definindo como objetivos: “Identificar e compreender de que forma as histórias de literatura para a infância podem contribuir para uma educação intercultural” e “Sensibilizar os alunos para o respeito pelas diferenças”.

Referente à opção metodológica, o estudo enquadra-se numa investigação qualitativa, inserindo-se numa abordagem de investigação sobre a prática. No que se refere à recolha de dados, foram utilizadas técnicas como a observação participante, o inquérito por questionário, o inquérito por entrevista e a análise documental. Quanto às técnicas de tratamento de dados recorreu-se à análise de conteúdos.

Os principais resultados obtidos através desta investigação demonstram que as histórias de literatura para a infância podem desempenhar um importante papel na promoção de uma educação multi/intercultural, uma vez que promovem o conhecimento de realidades e de culturas diferentes.

Palavras-Chave: Educação multi/intercultural; interculturalidade; diversidade cultural; competências interculturais; leitura; literatura para a infância.

Abstract

The research project that this report witnessed aimed to understand how children's literature can contribute to multi/intercultural education. This study was performed in the Internship IV curricular unit, in a 4th year class of the 1st Cycle of Basic Education.

For the realization of the project, the following question was asked: " How can children's literature stories contribute to multi/intercultural education?", defining as objectives: "Identify and understand how the stories of literature for children can contribute to an intercultural education" and "Sensitize students to respect differences".

Regarding the methodological option, the study is part of a qualitative investigation, entering of a research approach on practice. Regarding data collection, techniques such as participant observation, questionnaire survey, interview survey and document analysis were used. As for data processing techniques, resorted to the content analysis.

The main results obtained through this investigation demonstrate that children's literature stories can play an important role in the promotion of a multi/intercultural education, as they promote the knowledge of different realities and cultures.

Key words: Multi/intercultural education; interculturality; cultural diversity; intercultural competences; reading; children's literature.

Índice

Agradecimentos	1
Resumo	2
Abstract.....	3
Introdução.....	8
Capítulo I – Quadro teórico de referência	12
1 – Educação Multi/intercultural.....	12
1.1. Multiculturalidade e Interculturalidade	15
1.2. Educação multi/intercultural: conceito, funções e objetivos.....	16
2. Perspetiva de uma educação antirracista.....	19
2.1. Perspetiva intercultural no ensino	20
3. Contributos da literatura para a infância na promoção de uma educação multi/intercultural.....	23
Capítulo II – Contexto de estudo.....	26
Capítulo III – Metodologia.....	28
1. Identificação do método e a sua justificação	28
2. Identificação dos procedimentos de recolha e de tratamento de dados.....	32
2.1 Técnicas de Recolha de Dados.....	32
2.1.1. Observação participante	32
2.1.2. Inquérito por entrevista.....	34
2.1.3. Inquérito por questionário	35
2.1.4. Análise documental	36
2.2. Técnicas de tratamento de dados	36
2.2.1. Análise de conteúdo.....	36
3. Organização da intervenção pedagógica	38
Capítulo IV - Apresentação e análise de dados	42

Capítulo V - Apresentação e interpretação da intervenção	44
1. Introdução ao estudo	44
2. Descrição e análise da intervenção	46
2.1. Leitura para a infância	47
2.2. Escrita e análise da carta	54
2.3. Construção do cartaz do Mapa do Mundo	58
2.4. Pesquisa e apresentação dos “nossos países”	63
2.5. Dança ao ritmo dos “nossos países”	70
2.6. Realização dos bonecos interculturais.....	73
Capítulo VI – Considerações finais	77
Referências	84
Apêndices	89
Apêndice 1 – Primeiro Inquérito por questionário aplicado aos alunos.	90
Apêndice 2 – Segundo Inquérito por questionário aplicado aos alunos	92
Apêndice 3 – Guião da Entrevista realizada à professora cooperante.	94
Apêndice 4 – Transcrição da Entrevista realizada à professora cooperante.	96
Apêndice 5 – Carta enviada	100
Apêndice 6 – Carta recebida	101
Apêndice 7 – Guião de pesquisa da atividade “Pesquisa e apresentação dos ‘nossos países’”	103

Índice de Quadros

Quadro 1- Organização da intervenção pedagógica.....	41
Quadro 2- Aprendizagens efetuadas através da leitura dos contos tradicionais.....	51
Quadro 3- Opinião dos alunos face à leitura dos contos tradicionais.....	52
Quadro 4- Opinião dos alunos face à escrita e após a análise da carta.....	56
Quadro 5- Opinião dos alunos referente às aprendizagens realizadas com a construção do cartaz do Mapa do Mundo.....	61
Quadro 6- Opinião dos alunos face à pesquisa e apresentação dos “nossos países”.....	67
Quadro 7- Opinião dos alunos face à dança ao ritmo dos nossos países.....	71
Quadro 8- Opinião dos alunos face à realização dos bonecos interculturais.....	75

Índice de Figuras

Figura 1- Objetivos do estudo.	28
Figura 2- Histórias de literatura para a infância exploradas.	47
Figura 3- Realização da atividade: Escrita e análise da carta.	54
Figura 4- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.	58
Figura 5- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.	59
Figura 6- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.	59
Figura 7- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.	60
Figura 8- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.	63
Figura 9- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.	64
Figura 10- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.	65
Figura 11- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.	65
Figura 12- Realização da atividade "Dança ao ritmo dos 'nossos países'".	70
Figura 13- Realização da atividade "bonecos interculturais".	73
Figura 14- Realização da atividade "bonecos interculturais".	74
Figura 15- Bonecos interculturais.	74

Introdução

Atualmente vivemos numa sociedade em que a diversidade cultural está cada vez mais presente, isto é, cada vez mais se encontram presentes num mesmo território várias culturas diferentes. Tal como acontece em outros países europeus, a sociedade atual portuguesa reconhece essa diversidade. Portugal, tem-se tornado o país de acolhimento de uma grande quantidade de estrangeiros, que, na generalidade, tentam integrar-se na sociedade portuguesa, quer do ponto de vista laboral, como do social, cultural e linguístico. Muitos desses estrangeiros, vêm com famílias, com crianças de várias idades que passam a frequentar as escolas portuguesas (Mateus & Solla, 2013).

A Unesco (2009) reconhece a diversidade cultural como uma característica que faz parte da sociedade e, por isso, torna-se cada vez mais necessário aceitar a diversidade cultural e promover estratégias de aceitação dos outros, admitindo que estas questões devem ser do interesse da educação formal (Leite & Rodrigues, 2001).

Segundo Sacristán (2003), a educação deve criar vínculos sociais e culturais, tendo em conta a necessidade do respeito das características individuais de cada pessoa, a partir de práticas pedagógicas diversificadas, diferenciadas e integradoras, devendo, por isso, acompanhar a diversidade cultural, pois deve “estimular o interesse ativo ‘pelos outros’ que provêm ou pertencem a culturas diferentes, próximas ou mais distantes, analisando o que partilhamos com eles e o que, dada a sua especificidade, enriquece a diversidade da humanidade” (Sacristán, 2003, p. 391), podendo-se, assim, promover o princípio da igualdade de oportunidades no ensino, uma vez que a “procura de igualdade deve ser um referente essencial de toda e qualquer política educativa, e de todas as práticas pedagógicas, tendo em conta a igualdade com base nos parâmetros culturais, de género, classe social” (Sacristán, 2003, p. 391).

Neste sentido, tendo em conta a minha noção da importância da inclusão de todos os alunos e da existência de uma educação multi/intercultural, na qual se desenvolva nas crianças a noção da necessidade do respeito pelas diferenças, surge a presente investigação, uma vez que a escola deve promover o “desenvolvimento da integração social, cultural e profissional das crianças e jovens recém-chegados” (Ministério da Educação, 2005, p. 3), sendo necessário haver “uma educação multicultural que identifica e reconhece a diversidade cultural existente na escola. E a educação intercultural para

fazer com que haja interação entre as diversas culturas existentes” (Rodrigues, 2009, p. 33).

No que diz respeito à presente investigação, esta foi desenvolvida numa turma de 4º ano, no âmbito da Unidade Curricular de Estágio IV, no segundo ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, tendo por base a questão:

- “Como é que as histórias da literatura para a infância podem contribuir para uma educação multi/intercultural?”

A temática que pretendo trabalhar para a realização do meu projeto de investigação é a educação multi/intercultural e a sua importância no currículo, tendo como ponto de partida o conto de histórias infantis, assumindo-se a importância do contributo da literatura para uma educação multi/intercultural. Assim, tinha como objetivo partir de histórias infantis que abordem diferentes culturas, para trabalhar a educação multi/intercultural numa turma de primeiro ciclo, com a perspetiva de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social da criança. Face ao exposto, a investigação que desenvolvi tem os seguintes objetivos:

- Identificar e compreender de que forma as histórias de literatura para a infância podem contribuir para uma educação intercultural;
- Sensibilizar os alunos para o respeito pelas diferenças.

O tema escolhido surgiu um dia, em contexto de estágio, numa sessão em que os alunos pintavam o distrito em que nasceram num mapa de Portugal. Os alunos que não nasceram em Portugal ficaram sem poder realizar essa atividade.

No entanto, este também é um tema que pessoalmente sempre se revestiu de muita importância para mim, já que sou filha de pais imigrantes, oriundos de Cabo Verde. Por isso, desde criança, sinto a necessidade de falar sobre o país natal dos meus pais e sobre a sua cultura que sempre foi privilegiada em minha casa.

Daí saber que é crucial existir a inclusão de todos os alunos, inculcando um sentimento de pertença, bem como de orgulho nas suas origens. Por esse motivo, percebo que, para outras crianças, quer sejam imigrantes, filhas de imigrantes ou até mesmo que sejam apenas de uma outra região diferente do local onde residem, é importante que possam falar sobre as suas culturas e tradições.

Tendo em conta que a escola se confronta com um cenário de diversidade cultural e linguística dos alunos, que, por vezes, é visto como um obstáculo às aprendizagens, enquadra-se a pertinência do meu projeto, podendo, assim, contribuir para o conhecimento de várias culturas existentes, bem como para a promoção do respeito pelas diferenças entre os alunos, acentuando o aspeto em que somos todos diferentes e essas diferenças devem ser respeitadas, evidenciando-se, ainda, a importância da educação multi/intercultural para o currículo.

Em relação ao recurso ao conto de histórias infantis, pode-se afirmar que estas podem ser de grande importância para desenvolver a educação multi/intercultural (Dolan, 2014), servindo de indutor para abordar o tema e dar a conhecer características específicas de diferentes culturas. As histórias podem ser um recurso pedagógico que permite que a criança tenha novas aprendizagens e descubra o mundo envolvente, bem como tenha contacto, desde cedo, com a diversidade, o que pode contribuir para que conheça e valorize os seus pares (Leite & Rodrigues, 2001). É nesse sentido, que escolhi partir do conto de histórias infantis que envolvam algumas diferenças culturais que possam existir no mundo envolvente.

Em suma, a escolha deste tema de investigação, justifica-se, também, pela importância de poder dar a conhecer aos alunos as diferentes culturas existentes nos diferentes continentes, países e até zonas e cidades, enraizando a ideia de que somos todos diferentes, temos todos diferentes culturas, hábitos, crenças, educação, aprendizagens, entre outros. No entanto é importante saber que, apesar de sermos todos diferentes, essas diferenças devem ser sempre respeitadas. Isto é, deixar claro que é importante que haja um conhecimento por parte da turma em relação à diversidade cultural e linguística que existe, não exclusivamente pelo facto de a turma ter ou não imigrantes, mas porque é de extrema importância que todos os alunos tenham esses conhecimentos, “independentemente da presença ou não da diversidade étnica ou cultural na sala ou instituição, porque o objetivo é formar cidadãos para uma sociedade aberta e plural” (Borges & Silva, 2000, p. 2). Conhecer e respeitar as diferenças, ajuda a compreender o ponto de vista dos outros, bem como ajuda a saber conviver e a contribuir para a formação de um aluno como um bom futuro cidadão.

Assim, planeei e realizei diversas atividades que dessem a conhecer as diferenças existentes entre alguns países, tendo como foco a cultura, tradições, tipicidades,

diferenças linguísticas, podendo, ainda, conhecer uma realidade diferente, por exemplo, ao entrarmos em contacto com alunos de uma escola de Cabo Verde, através da troca de cartas, promovendo a comunicação e cooperação entre crianças. Os países que foram abordados foram os países em que se estabelecia alguma ligação com os alunos (Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Rússia e Ucrânia). Isto é, países em que os alunos nasceram ou em que os seus pais nasceram.

Dessa forma, este projeto ainda poderia ajudar as crianças a mudarem a forma como veem o mundo, como veem as diferenças e os outros, bem como vivenciam essas diferenças, vendo-as como algo positivo e como uma característica individual de cada um, que deve ser respeitada. Pretende, ainda poder promover a aceitação e a valorização da diversidade existente, vendo-a, também como uma oportunidade de aprendizagem para todas as crianças.

O presente relatório encontra-se dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo diz respeito ao Quadro Teórico de Referência, que corresponde à fundamentação teórica desta investigação. Segue-se o segundo capítulo que corresponde à descrição do contexto em que se inseriu o estudo. O terceiro capítulo apresenta a Metodologia, em que é feita a apresentação e justificação das opções metodológicas utilizadas para o desenvolvimento da investigação, que se refere às técnicas de recolha e análise de dados e, ainda, a organização da intervenção pedagógica. O quarto capítulo diz respeito à apresentação e análise dos dados. O quinto capítulo corresponde à descrição, análise e interpretação da intervenção e o sexto e último capítulo diz respeito às considerações finais, em que é feito um breve balanço sobre a realização do presente relatório. A finalizar encontram-se as Referências Bibliográficas, seguindo-se os Apêndices.

Capítulo I – Quadro teórico de referência

O presente capítulo encontra-se organizado em três secções, onde se discutem as temáticas que fundamentam a investigação. Na primeira secção foco-me no conceito de educação multi/intercultural e as suas funções e objetivos. Na segunda centro-me na perspetiva de uma educação antirracista. Na terceira e última secção apresento a relevância dos contributos da literatura para a infância para uma educação multi/intercultural, justificando a importância da leitura de histórias como recurso pedagógico para o desenvolvimento de competência interculturais.

1 – Educação Multi/intercultural

“Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública.” (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Artigo 2º, 2002).

Tendo como referência o acima apresentado, pode-se afirmar que o pluralismo cultural consiste na diversidade cultural existente atualmente nos diversos países do mundo, e nomeadamente em Portugal, pois, tal como confirma Souta (1997) “acentua-se, em cada dia que passa, a heterogeneidade cultural, em termos étnicos, linguísticos e mesmo religiosos. Também Portugal é cada vez mais uma sociedade multicultural” (p. 93). É por esse motivo que, também, cada vez mais, a noção de cultura tem sido objeto de curiosidade na sociedade.

Assim, importa começar por definir o que se entende por cultura. Seelye (1993) defende a cultura como tudo o que as pessoas aprendem a fazer. Já Robinson (1985) define o conceito de cultura tendo em conta cinco características, sendo a primeira característica referente às crenças e valores, a segunda sobre os comportamentos, como a língua, gestos,

hábitos, costumes e comida, a terceira refere-se aos produtos do homem, como a literatura, arte, música, folclore e artesanato, a quarta característica diz respeito à visão que cada um tem sobre o mundo e, por último, a quinta refere-se aos modos de vida.

Ainda, Eliot (1996) afirma que “o conceito de cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe e de que a cultura de um grupo ou classe depende da cultura de toda a sociedade a que pertence esse grupo ou classe” (p. 22).

Por fim, segundo a UNESCO:

“A cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.” (UNESCO, Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Artigo 2º, 2002)

Tendo em conta as definições do conceito de cultura acima descritas, é possível perceber que existe alguma complexidade em poder defini-lo. No entanto, isso não anula a importância da cultura para a sociedade, uma vez que a cultura é essencial para a construção da identidade e é o que torna uma comunidade “única” (Hall, 2006). E é por isso importante que exista o respeito pela diversidade cultural.

“A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o género humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o património comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.” (UNESCO, Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Artigo 2º, 2002, p. 13).

Uma vez que a diversidade cultural é definida tendo em conta as características de um grupo que as mantém e transmite através de gerações (Cardoso C. M., 1996), Lages (2006) considera a diversidade uma das maiores riquezas da humanidade, defendendo que, por isso, os diferentes povos devam respeitar e compreender os vários elementos

culturais que possam existir nas diversas sociedades. Pois, tal como defende Vieira (1999), esse respeito “implica as noções de reciprocidade e troca na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas (...) entre os indivíduos portadores de diferentes culturas” (p. 20). Além disso, de acordo com o Artigo 3º da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, a diversidade cultural “amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento económico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória” (2000, p. 13).

Desde os tempos mais antigos, a história do Homem é conhecida pela existência de fluxos migratórios e, por isso, a existência de confrontos sociais entre os diferentes povos. Hoje em dia, ainda vivemos essa realidade, continuam a existir tanto os fluxos migratórios, bem como os conflitos sociais. Segundo (Ramos, 2003), em Portugal, desde o século XX, nomeadamente a partir da década de 80, foi notório o aumento da imigração, sendo Portugal “um dos países comunitários com aumento mais rápido de imigrantes, num curto espaço de tempo nos últimos anos”. (p. 269). Para este autor, a migração envolve “raturas espaciais e temporais, transformações diversas, nomeadamente mudanças psicológicas, físicas, biológicas, sociais, culturais, familiares, políticas, implicando a adaptação psicológica e social dos indivíduos e das famílias e diferentes modalidades de aculturação” (p. 239), sendo, por isso, um processo complexo, podendo influenciar ao nível da saúde física e mental.

Em virtude das consequências dos fluxos migratórios, que afetam as relações sociais e, conseqüentemente, trazem novos desafios educativos, estando a diversidade cultural presente nas escolas, sendo esta uma das principais instituições de socialização e de formação cultural, a escola deve preparar o aluno para uma cidadania intercultural, dada a importância de uma educação para a interculturalidade para uma sociedade justa e solidária, promovendo o diálogo intercultural, pois constitui-se como uma necessidade atual, por estarmos “num mundo crescentemente diverso e inseguro, necessitamos de dialogar ultrapassando as fraturas étnicas, religiosas, linguísticas e nacionais, a fim de assegurar a coesão social e prevenir conflitos”. (Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural, 2008, p. 6). Tal conduz à necessidade de introduzir práticas de educação multi/intercultural nas escolas.

1.1. Multiculturalidade e Interculturalidade

“O conhecimento das outras culturas torna-nos conscientes da nossa própria cultura, mas também da existência de um património comum ao conjunto da humanidade. Devemos cultivar, como utopia orientadora, o propósito de encaminhar o mundo para uma maior compreensão mútua, mais sentido de responsabilidade e mais solidariedade na aceitação das nossas diferenças espirituais e culturais.” (Delors & et al, 1996, pp. 42-44).

O termo multiculturalidade diz respeito à convivência de diferentes culturas numa só mesma comunidade, sem que exista contato entre elas, dizendo, por isso, respeito à diversidade cultural presente nas sociedades (Del Arco, 1998). Segundo Sarabiego (2002), a multiculturalidade pode ser entendida como sendo uma situação real de uma sociedade composta por grupos com diferentes culturas que mantém uma certa harmonia entre eles. O mesmo autor acredita que, embora a multiculturalidade promova o respeito pelas minorias, esta não exige interações entre as minorias e a maioria, o que pode justificar a origem de grupos de identificação social, originando atitudes de rejeição, isolamento, exclusão.

Por outro lado, segundo o mesmo autor, o termo interculturalidade implica a existência de interação e comunicação entre os diferentes grupos culturais, havendo, por isso, diálogo, respeito e reconhecimento das culturas que interagem entre si. Sendo assim, a interculturalidade emerge como promotora do enriquecimento entre culturas, visto que defende que as diferenças não devem ser vistas como obstáculos, mas sim como aprendizagens (Sarabiego, 2002).

É nesse sentido que, Bennet (1999) afirma que a educação multicultural diz respeito à criação de modelos educativos que se dirigem a sociedades compostas por diferentes grupos culturais e afirma a importância do respeito pela diferença, no entanto, ao contrário da educação intercultural, não considera as diferenças como algo que pode ser enriquecedor para o desenvolvimento pessoal e social.

No entanto, os conceitos de multiculturalidade e interculturalidade são indissociáveis, visto que se relacionam entre si, isto é, a multiculturalidade, que procura compreender as características de diferentes grupos culturais presentes num determinado meio, está na base da interculturalidade, que pretende que a criação de igualdade de oportunidades

permita o conhecimento das diferentes culturas, bem como o enriquecimento entre elas (Cortesão & Pacheco, 1991).

Tendo em conta o referido no parágrafo anterior, aliado ao facto de que, atualmente, existe um debate em torno dos conceitos de educação multicultural e educação intercultural, sendo o primeiro termo utilizado na literatura anglo-saxónica e o segundo termo na literatura francesa, neste trabalho iremos optar por tratar o tema como educação multi/intercultural.

1.2. Educação multi/intercultural: conceito, funções e objetivos

A partir dos anos 60 surge a ideia de uma Educação multi/intercultural, através de um movimento relacionado com os direitos civis a respeito de justiça e de igualdade para mulheres e pessoas de cor (Spring, 2012) A Educação multi/intercultural tem-se desenvolvido como resposta à diversidade étnica e cultural, nos devidos países onde ela existe, sendo, por isso, as suas políticas e práticas culturais relacionadas com o contexto onde elas se verificam (Sequeira, 2000).

Desde o momento em que surgiu, a educação multi/intercultural tem vindo a sofrer alterações, de forma a poder dar resposta à diversidade cultural existente, desde a ideia inicial, em que se compreendia que havia alunos com algumas diferenças (sociais, religiosas, étnicas, etc.), porém a sua intenção seria a de anular essas diferenças e tornar a minoria semelhante à maioria, até à ideia em que já se assume a existência de alunos culturalmente diferentes, pretendendo promover a adaptação desses alunos no país, sem que tenham que “abdicar” da cultura a que pertencem, transmitindo competências para que possam participar na sociedade onde vivem (Demorgon, J. & al, 1999).

Segundo Nieto & Bode (2008) entende-se por educação multi/intercultural “um processo de reforma global da escola e da educação básica para todos os alunos”. A mesma desaprova o racismo bem como qualquer outro tipo de discriminação e defende o pluralismo. A educação multi/intercultural “atravessa o currículo e a natureza das estratégias de ensino, bem como as interações entre professores, alunos e famílias, bem como o modo em que as escolas conceptualizam o ensino e a aprendizagem”. Esta educação ainda incrementa os princípios democráticos de justiça social, justificando-se pelo facto de “ter a pedagogia crítica como filosofia subjacente e se centrar no conhecimento, na reflexão e na ação” (Nieto & Bode, 2008, p. 44).

Ford (1989) define educação multi/intercultural como uma educação que pretende a promoção de um meio educativo no qual os alunos de diferentes grupos multiculturais (etnia, género, classe social) experienciam a igualdade educacional.

Para Sales & Garcia (1997), a educação multi/intercultural baseia-se “num conjunto de valores e crenças democrático e, que procura fomentar o pluralismo cultural no seio das sociedades culturalmente diversas num mundo interdependente” (p. 44), que pretende proporcionar aprendizagens culturais dos cidadãos, através do reconhecimento e respeito pelas diferenças, partindo de trocas de conhecimentos. Sendo, por isso, a educação multi/intercultural essencial para a existência e desenvolvimento de uma sociedade democrática.

A educação multi/intercultural deve ser dirigida a todos os alunos, não apenas aos alunos culturalmente diferentes, sendo que deve promover valores como a igualdade e solidariedade, pois tal como afirma Besalú Costa (2000), esta educação deve ser dirigida a todos os alunos, quer seja imigrante ou não, e, principalmente, deve ser uma educação de excelência, tendo em conta as características da sociedade do presente e do futuro.

É importante salientar que a educação multi/intercultural tem como finalidade a valorização das culturas e do respeito pelas diferenças e, de acordo com Díaz-Aguado (2000), a educação multi/intercultural defende o direito à diferença, a igualdade na diversidade, a valorização das diferentes identidades culturais, a justiça quanto às desigualdades e o respeito pelos direitos humanos. A educação intercultural, deve, ainda, ser destinada a todos e deve resultar de políticas educativas à escala nacional, sendo esta aplicada durante a escolaridade (Ferreira, 2003).

Segundo a Direção-Geral da Educação, a educação multi/intercultural tem como objetivos:

“Promover o reconhecimento e a valorização da diversidade como oportunidade e como fonte de aprendizagem para todos, no respeito pela multiculturalidade das sociedades atuais, bem como desenvolver a capacidade de comunicar e incentivar a interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade” (Educação Intercultural).

De facto, através da educação multi/intercultural pretende-se promover a comunicação entre os alunos, promovendo aprendizagens mútuas e, por isso, o enriquecimento entre as culturas, bem como o reconhecimento e o respeito pelas diferenças, reconhecendo que são todos diferentes e percebendo que isso é positivo. Assim, a convivência em sociedade poderá ser facilitada, tendo em conta uma sociedade multicultural, onde “o respeito à diversidade das culturas, à tolerância, ao diálogo e à cooperação, em um clima de confiança e de entendimento mútuos, estão entre as melhores garantias da paz e da segurança internacionais” (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2000, p. 13).

2. Perspetiva de uma educação antirracista

Como já foi referido anteriormente, a diversidade cultural é algo que está cada vez mais presente na nossa sociedade, sendo, assim, identificada pela UNESCO (2009) como uma característica da sociedade atual e da humanidade, que enriquece a diversidade no mundo, bem como as capacidades e valores dos cidadãos. É por isso que se tornou fundamental para a educação a aceitação da diversidade cultural, uma vez que:

“A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 26º, 1948)

A educação tem a função de promover a união e a socialização, devendo criar projetos partilhados, que criem relações sociais e culturais, que devem respeitar as diferenças de cada indivíduo, partindo de práticas educativas diversificadas e integradoras, que sejam capazes de dar resposta à diversidade cultural presente, promovendo a igualdade de oportunidades na educação (Sacristán, 2003).

Leite & Rodrigues (2001) consideram que essas questões devem ser do total interesse da educação formal, uma vez que é solicitada a participação ativa das crianças no reconhecimento e defesa dos direitos humanos, promovendo o respeito pelo outro, tendo em conta que, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, tem como uma das suas finalidades “avançar na compreensão e no esclarecimento do conteúdo dos direitos culturais, considerados como parte integrante dos direitos humanos” (2000, p. 5). Assim, segundo Sacristán (2003), a escola deve:

“Estimular o interesse ativo ‘pelos outros’ que provêm ou pertencem a culturas diferentes, próximas ou mais distantes, analisando o que partilhamos com eles e o que, dada a sua especificidade, enriquece a diversidade da humanidade (...). A procura de igualdade deve ser um referente essencial de toda e qualquer política educativa, e de todas as práticas pedagógicas, tendo em conta a igualdade com base nos parâmetros culturais, de género, classe social, etc.” (p. 391).

É essencial que a educação participe no desenvolvimento de uma sociedade democrática, na qual todos podem participar e em que cada um deve ser aceito e deve respeitar e compreender o outro, “afirmando que o respeito à diversidade das culturas, à tolerância, ao diálogo e à cooperação, em um clima de confiança e de entendimento mútuos, estão entre as melhores garantias da paz e da segurança internacionais” (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2000, p. 2).

A educação multi/intercultural deve ser desenvolvida desde cedo, pois “a etapa do 1º Ciclo do Ensino Básico constitui-se como a base fundamental para construção identitária e a formação de valores” (Afonso & Cavalcanti, 2006, p. 16).

Assim, a escola, desde os primeiros anos de escolaridade, caracteriza-se por ser um espaço onde se prepara a criança para uma vida em sociedade, através da promoção do desenvolvimento pessoal e social da criança, tendo como base a educação para a cidadania, onde promove competências de compreensão e respeito pelos outros, através das práticas interculturais, que oferecem a compreensão de diferentes culturas (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016), “independentemente da presença ou não da diversidade étnica ou cultural na sala ou instituição, porque o objetivo é formar cidadãos para uma sociedade aberta e plural” (Borges & Silva, 2000, p. 2).

2.1. Perspetiva intercultural no ensino

“A escola tem que ser local, como ponto de partida, mas internacional e intercultural, como ponto de chegada” (Romani, 2004, p. 15).

A escola constitui-se como uma das principais instituições que promovem a socialização e a formação cultural e, por isso, tem o dever de preparar as crianças para o diálogo cultural, desenvolvendo competências interculturais, em que deverá ser promovido a aceitação das diferentes culturas, educando, assim, a criança para uma cidadania intercultural (Sarabiego, 2002). Pois “O diálogo intercultural é uma necessidade dos nossos dias. Num mundo crescentemente diverso e inseguro, necessitamos de dialogar ultrapassando as fracturas étnicas, religiosas, linguísticas e nacionais, a fim de assegurar a coesão social e prevenir conflitos” (Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural, 2008, p. 6).

Romani (2004), vê a escola como o lugar onde é desenvolvida a ação educativa e a educação para os cidadãos, ou seja, que é um dos papéis da escola educar e ensinar e

preparar as crianças para a sua inserção na sociedade, bem como promover a igualdade de oportunidades a todos. Por isso, é necessário entender a diversidade cultural existente nas escolas e ter em conta as características dessas diferenças.

Relativamente ao professor, este desempenha um papel fundamental numa educação multi/intercultural, é essencial que estes “estejam convictos da importância do seu papel nessa tarefa e que façam uso da margem de manobra de que dispõem para criar condições mais favoráveis para as aprendizagens de todas as crianças” (Cardoso C. M., 1996, p. 10), pois, tal como confirma Coelho (Coelho M. , 1996):

"O ofício de ensinar não é para aventureiros, é para profissionais, homens e mulheres que, além dos conhecimentos na área dos conteúdos específicos e da educação, assumem a construção da liberdade e da cidadania do outro como condição mesma de realização de sua própria liberdade e cidadania."
(p. 43)

O professor deve ver a diversidade como uma espécie de fio condutor para a aquisição de aprendizagens e transmissão de valores e, assim, deve oferecer aos seus alunos “o conhecimento e a reflexão crítica e contextualizada, a partilha e a valorização, a compreensão, a aceitação ativa da diversidade” (Balça, 2006, p. 232), tendo em conta que a forma como lida com essas questões, é essencial para promover a igualdade de oportunidades. Desse modo, segundo Morgado & Pires (2010):

“O projeto de uma educação para a cidadania multicultural não se cinge apenas ao desenvolvimento de um novo perfil de conhecimentos, atitudes, valores e competências para os alunos. Também inclui, no quadro do ambiente total da escola, os materiais de instrução, as abordagens pedagógicas, o currículo formal e o currículo oculto, as formas de avaliação, as políticas da escola e as políticas educativas, os estilos e estratégias de ensino/aprendizagem, as formas de participação da e na comunidade, bem como as atitudes, perceções, crenças e ações do pessoal educativo”. (p. 69).

Segundo o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017), é visível a diversidade dos alunos, quer do “ponto de vista socioeconómico e cultural”, quer do “ponto de vista cognitivo e social”, no entanto, todos os alunos têm direito a ter uma

participação ativa e, por isso, a escola deve promover a equidade e a democracia. De acordo com o documento, um dos principais objetivos da escola é transformar o aluno num cidadão que “valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático; que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social”. Ainda segundo o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, a escola deve encorajar todos os alunos a desenvolver valores e a demonstrar respeito pela diversidade cultural e humana, tendo como referência os princípios dos direitos humanos.

Um dos objetivos do programa do Estudo do Meio, do 1º Ciclo do Ensino Básico assenta em aspetos da cidadania como: “Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação.” (Organização Curricular e Programas: Ensino Básico - 1º Ciclo, 2004, p. 104).

De acordo com as Orientações Curriculares do Programa Referencial de Mundo Actual (2004), as aprendizagens significativas estão relacionadas com as experiências dos alunos dentro ou fora da escola. No entanto, cada criança tem uma realidade diferente fora da escola, que igualmente gera aprendizagens significativas. É neste sentido que a cultura de origem de cada criança irá influenciar a aquisição de novas aprendizagens. Por isso, a escola deve adaptar os conteúdos programáticos ao processo de desenvolvimento de cada criança e valorizar as vivências e saberes das crianças, para a promoção de aprendizagens mais complexas.

3. Contributos da literatura para a infância na promoção de uma educação multi/intercultural

O processo de leitura é essencial para a aquisição de aprendizagens significativas e para a criança poder “alargar” horizontes. Segundo Coelho (2000), a literatura constitui-se como uma ferramenta fundamental para a evolução da sociedade, através da realização de novos conhecimentos e novas descobertas, bem como através da imaginação. “A Literatura é, sem dúvida, um dos grandes instrumentos de conscientização da revolução invisível que se está processando no âmbito da mente humana, especificamente do que diz respeito eu – outro” (Coelho, 2000, p. 155).

Tendo em conta as características da sociedade atual, especialmente no que diz respeito à emigração, às diferentes culturas que se encontram num mesmo espaço, e à diversidade linguística existente, a educação multi/intercultural partindo da literatura é um recurso que oferece oportunidade de ter uma visão mais crítica e global do mundo e, por isso, auxilia no afastamento de preconceitos (Cai, 2002, p. 22).

A leitura deve incentivar a compreensão do próximo e preparar para a convivência com o outro, o que levará o indivíduo, além de conhecer o próximo, a poder se auto descobrir, pois “deve ser um gesto de desdobramento do eu para o outro dentro de uma compreensão crítica e reflexiva das relações humanas” (Cavalcanti, 2004, p. 3)

Cavalcanti (2004) vê a leitura como uma “fonte inesgotável de produção e de pensamento, reflexão, conhecimento e transformação” (p. 89), que irá influenciar a formação da criança, bem como a sua forma de estar e de ver o mundo. Tal como afirma Coelho (2000), “é ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens” (p. 15), para a educação multi/intercultural não será diferente.

Para entendermos a importância da literatura para uma educação multi/intercultural, deveremos lembrar que esta educação tem como finalidade, especialmente, o desenvolvimento de uma competência intercultural, e é possível fazê-lo através da leitura, que prevê uma capacidade de comunicação intercultural, pois parte da compreensão e respeito pelo outro. Por exemplo, ao dar preferência a uma leitura que se foca na diversidade, vendo-a como algo positivo, promovendo a igualdade, procurando que a criança encontre referências da sociedade em que se insere e, além disso, ao rejeitar ações preconceituosas no que diz respeito aos diferentes fenótipos, etnia, sexo, religião ou classe

social (Rius & Roca, 2012). Assim sendo, a leitura de histórias deve assumir um papel fulcral para o desvio do preconceito, ao oferecer representações da realidade. Isto quer dizer que, através da leitura, as crianças podem identificar-se temporariamente com as personagens narradas, podendo assim, ver o mundo na perspectiva das personagens. Ao identificar-se com as personagens, o que é diferente passa a ser visto através da identificação com elas, o que permite que possam combater as diferenças culturais.

Segundo Dionísio (2005):

“Ler é interrogar os textos quanto aos seus pressupostos sobre o mundo, bem assim como interrogar as assunções que cada um de nós tem sobre este mesmo mundo e sobre o que trazemos para os textos. (...) Os leitores usam os livros para questionar, interpelar, problematizar, desnaturalizar, interromper e perturbar o que parece ser normal, natural, corrente, mundano e quotidiano.” (p. 34).

É dessa forma que as crianças vão adquirindo aprendizagens e tendo uma noção da realidade que as rodeia. A leitura e o ouvir ler possibilitam a que as crianças possam ter acesso a diferentes realidades e pode influenciar na forma como estas veem e se comportam perante as diferentes culturas, podendo confrontar a discriminação e o preconceito. É nesse sentido que Cai (2002) defende que a leitura revela uma grande importância para poder ultrapassar barreiras culturais, estando estas relacionadas com a localização geográfica, com as diferenças culturais (tradição, valores, crenças, etc.) e com o pensamento, que se reflete pelo medo e o preconceito. No entanto, essas barreiras poderão ser ultrapassadas, marcando essas diferenças como algo positivo, através da leitura ou de o ouvir ler. Assim, na opinião do autor, seria necessário a utilização de livros que apontem semelhanças entre as culturas, de forma a poder realçar o que podem ter em comum, bem como mostrando os conflitos e preconceitos que são gerados nas relações interculturais, talvez devido à falta de compreensão e aos desconhecimento entre as diferentes culturas.

Além disso, estando o professor constantemente exposto a novos desafios, o livro trata-se de uma das ferramentas pedagógicas que pode ser utilizada pelo mesmo. O livro é um material que pode servir de suporte e pode ser um ótimo fio condutor numa abordagem à educação multi/intercultural, possibilitando a transmissão de valores e de ideias, através

de mensagens culturais, permitindo que a criança desenvolva “atitudes de tolerância e aceitação das diferenças culturais e étnicas” (Gomes, p. 4).

Em suma, pode-se afirmar que importância da literatura infantojuvenil para a educação multi/intercultural reflete-se, principalmente, na consciencialização da noção da diversidade cultural e diferentes fenótipos existentes e da promoção de competências de compreensão e respeito por essas diferenças.

Capítulo II – Contexto de estudo

Neste capítulo farei uma breve descrição do contexto educativo (instituição e turma) onde se desenvolveu a presente investigação.

A presente investigação foi desenvolvida no decorrer do Estágio IV, que se realizou entre 6 de abril e 9 de junho de 2021. A investigação foi desenvolvida numa turma de 4º ano de escolaridade, na Escola Básica nº4 dos Pinheirinhos, do Agrupamento de escolas Luísa Todi, em Setúbal.

A escola básica dos Pinheirinhos pertence ao grande Agrupamento de Escolas Luísa Todi (AELT) das quais fazem parte oito escolas localizadas nas freguesias de São Sebastião e Alto da Guerra.

A instituição está localizada na avenida D. João II que fica nas proximidades do hospital de São Bernardo. É uma zona de fácil acesso, uma vez que tem próximo vários meios de transporte. A zona em redor da escola é um bairro social sendo que muitas das crianças de várias etnias que são desse bairro frequentam a escola.

A instituição aparenta ser um edifício de tipologia planos centenários, por isso, já com vários anos, que está muito bem conservado. A sala da turma apesar de ser um pouco pequena para o número de alunos, tem excelentes condições de trabalho, tem internet, um computador, um quadro interativo, aquecedores e ventoinhas. Estes equipamentos proporcionam uma forma de trabalho diferente com os alunos, pois é possível realizar outro tipo de tarefas, como, por exemplo, pesquisas na internet.

A turma onde foi realizada a prática pedagógica é composta por 20 crianças, com idades compreendidas entre 9 e os 11 anos. A turma, conta com 5 alunos sinalizados com Necessidades Educativas Especiais (NEE), que apresentam problemas cognitivos, sendo que 4 desses alunos não acompanham o nível de aprendizagem da turma a Português e a Matemática, tendo, por isso, trabalho adaptado nessas áreas. É uma turma com alunos muito participativos, que demonstram muito entusiasmo na realização de atividades. Esta turma tem menos alunos do que as restantes turmas da instituição, devido ao facto de contar com 5 alunos diagnosticados com necessidades educativas especiais.

A escola conta com uma professora de Educação Especial, que fornece apoio às crianças com NEE e aos alunos com mais dificuldade na aprendizagem. Na sala em que realizámos a prática, observámos que a professora presta apoio aos alunos diagnosticados com NEE,

duas vezes por semana, dirigindo-se, esses alunos, para a sala de professores, onde se reúnem com a professora de Educação Especial.

Em relação a aprendizagens, pode-se dizer que é uma turma em que as crianças apresentam diferentes níveis de aprendizagem, pois é notório que alguns alunos mostram sentir mais facilidade em responder às questões colocadas, bem como na realização de exercícios e atividades. Por isso, também era necessário estar atenta às crianças com mais dificuldades, de modo a poder ajudá-las a ultrapassá-las. É um grupo muito participativo e que demonstra interesse e motivação, que facilmente aceita novas propostas e mostra interesse em realizá-las.

Com o objetivo de perceber como a turma poderia se enquadrar nesta investigação, propus a realização de um inquérito por questionário. Assim, através da análise do inquérito, pude perceber que havia duas crianças com nacionalidade brasileira, uma criança com nacionalidade cabo-verdiana e outra cujos pais nasceram em Cabo Verde, uma com nacionalidade angolana e uma com pais com nacionalidade angolana, e, ainda outra, cujo pai e mãe nasceram, respetivamente, na Rússia e na Ucrânia, estando, assim, presente na sala de aula uma grande diversidade de origens quer geográficas, quer culturais.

Apesar de, como já referi em capítulos anteriores, a educação multi/intercultural dever ser trabalhada, sendo ou não a turma constituída por imigrantes ou filhos de imigrantes, a composição da turma onde a diversidade cultural está patente, tornou-se um fator que possibilitou e enriqueceu o estudo a desenvolver.

Importa referir que todas as crianças da turma consideraram ser enriquecedor o facto de as pessoas terem diferentes costumes, e apresentaram interesse e motivação em conhecer novas culturas, embora inicialmente o conceito de cultura, ou melhor, o que a cultura incorpora, lhes fosse desconhecido.

Capítulo III – Metodologia

1. Identificação do método e a sua justificação

Neste capítulo é apresentada a metodologia de investigação abordada neste estudo.

A realização de uma investigação tem como principal objetivo a criação de novos conhecimentos (Alarcão, 2001). Desse modo, a investigação requer um processo rigoroso, sistemático, que possa ser reproduzido, devendo resultar na comunicação dos resultados obtidos, de maneira a promover uma discussão crítica sobre a investigação (Alarcão, 2001). No entanto, não é através de uma investigação aleatória que se encontra o que se pretende saber, é necessário a existência de um método de organização global do trabalho de investigação, bem como deve estar bem definido o método de investigação mais adequado, tendo em conta os objetivos de estudo (Latorre, Del Rincon, & Arnal, 1996). Nesse sentido, para a realização deste estudo, foi necessário definir estratégias associadas ao processo metodológico, partindo dos objetivos referentes à presente investigação (figura 1).

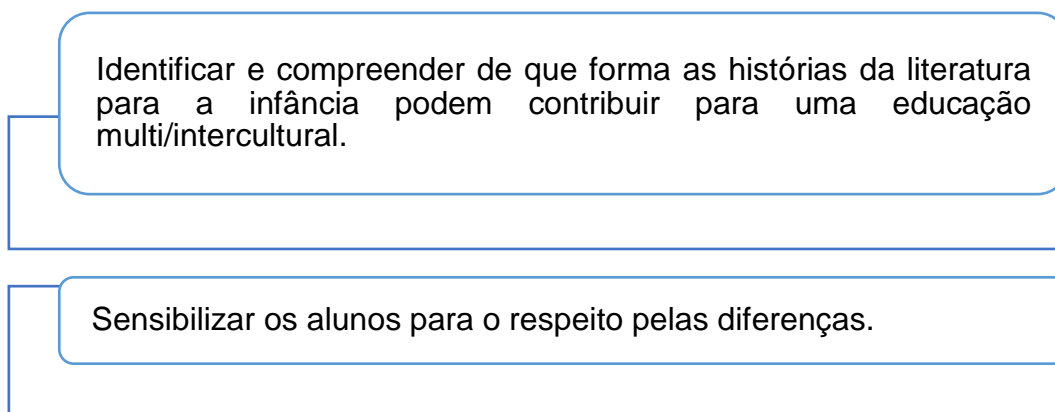


Figura 1- Objetivos do estudo.

Assim, tendo em conta os objetivos destacados na figura 1, a abordagem qualitativa apresenta-se como a abordagem mais adequada ao presente estudo.

Importa salientar que segundo Malhotra a pesquisa qualitativa é entendida como uma “metodologia de pesquisa não-estruturada e exploratória, baseada em pequenas amostras que proporcionam perceções e compreensão do contexto do problema” (Malhotra, 2006, p. 156).

Para a realização de uma investigação qualitativa “os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto direto” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Isto é, segundo Bogdan e Biklen (2013), os investigadores numa abordagem qualitativa estão presentes nos locais de estudo, tal como acontece no meu estudo, tendo em conta que o projeto foi desenvolvido em contexto de sala de aula, onde tive a oportunidade de recolher várias informações sobre as atividades e tarefas desenvolvidas.

De acordo com Bogdan e Biklen (2013), a “palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados” (p. 49). É nesse sentido, que os autores também defendem que este tipo de abordagem é descritiva, sendo que os dados recolhidos “incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48), tal como acontece neste estudo. Pois, no decorrer da investigação, registei os dados que considerei importantes, descrevi e fiz transcrições de diálogos (com cada aluno) e conversas em grande grupo, bem como da entrevista realizada à professora cooperante, fiz vários registos fotográficos durante a realização das tarefas, de modo a poder analisar os dados recolhidos.

Durante a minha intervenção, enquanto ia implementando o projeto, fui sempre dando especial atenção ao diálogo com os alunos, de forma a poder interpretar e compreender os seus pensamentos e ações, uma vez que “o processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 54). É importante ainda acrescentar que, aliada à importância do diálogo entre os intervenientes (professor, alunos), alia-se a importância do significado numa abordagem qualitativa. É nesse sentido que, durante a minha intervenção, estive atenta ao “que se designa por perspetivas participantes” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 50), tendo em conta que pretendia perceber a forma como os alunos pensaram e interpretaram as questões para que estavam a ser direcionados.

Para além da seleção da abordagem mais adequada ao estudo, é também necessário identificar o método que mais se adequa. Nesse sentido, o método mais adequado a utilizar na presente investigação, de acordo com os objetivos da mesma, baseia-se nos princípios da investigação sobre a prática.

A investigação sobre a prática constitui-se como um processo essencial para a construção de conhecimento sobre a prática realizada e, conseqüentemente, revela grande importância para o desenvolvimento dos professores envolvidos (Ponte, 2002). Essa investigação apresenta dois tipos principais de objetivos. O primeiro pode ter como finalidade a alteração da prática, quando se reconhece a necessidade dessa mudança, e o segundo pretende compreender a origem dos problemas que prejudicam essa prática, com o objetivo de identificar uma estratégia de ação (Ponte, 2002).

Em contexto de sala de aula, muitas vezes, o professor pretende aprofundar algo ou vê-se perante situações problemáticas, com as quais pretende lidar e resolver da melhor forma, porém, nem sempre encontra a melhor forma de resolvê-las e, daí, surge a necessidade de o professor realizar investigações de forma a identificar as melhores estratégias de ação (Ponte, 2002).

Ponte (2002) salienta quatro motivos pelos quais os professores devem fazer pesquisas sobre a própria prática, sendo elas as seguintes: ser protagonista no campo curricular e profissional; ter privilégios no desenvolvimento profissional e organizacional; contribuir “para a construção de um patrimônio de cultura e conhecimento dos professores como grupo profissional” (p. 3); e contribuir para o conhecimento de problemas educativos.

É necessário que os professores tenham uma “atitude de investigação perante o seu próprio ensino” e reflitam sobre “a sua própria prática de uma forma crítica e sistemática” (Alarcão, 2001, p. 4). É através de uma atividade reflexiva na realização de uma investigação que o professor pode questionar-se sobre as suas decisões educativas e melhorar a sua prática, pois um bom professor tem de ser simultaneamente um investigador, elaborando a sua investigação vinculada com a sua função de professor (Ponte, 2002).

Assim, assume-se que o envolvimento do professor em pesquisas sobre a sua própria prática concede-lhe novos modos de superar os desafios que se lhe colocam contribuindo, igualmente, para o seu desenvolvimento profissional, pois, tal como confirma Richardson (1994, em Ponte, 2002) a investigação sobre a prática:

“não é conduzida para desenvolver leis gerais relacionadas com a prática educacional, e não tem como propósito fornecer a resposta a um problema. Em vez disso, os resultados sugerem novas formas

de olhar o contexto e o problema e/ou possibilidades de mudanças na prática” (p. 7).

Importa ainda referir que o processo de investigação é caracterizado por apresentar quatro momentos distintos (Ponte, 2002). O primeiro momento é referente à formulação do problema ou questão em estudo, sendo que devem dizer respeito a problemas que sejam do interesse do professor (Ponte, 2002). O momento seguinte, diz respeito à recolha de dados que visam responder ao problema, sendo necessário definir a natureza dos dados a recolher e quais as técnicas de recolha mais adequadas. Um terceiro momento é quando o investigador analisa e interpreta os dados recolhidos e, por último, deve divulgar os resultados e conclusões da investigação (Ponte, 2002).

Por isso, tendo em conta que a investigação requer um planeamento mais rigoroso, uma vez que também é necessário ter procedimentos de recolha e de análise de dados adequados ao problema ou questão a investigar (Ponte, 2002), deve-se ter em atenção a escolha dos mesmos.

Foi nesse sentido que seleccionei os procedimentos e técnicas de recolha e análise de dados mais adequados, tendo em conta o meu estudo, que irei identificar no próximo ponto deste capítulo.

O meu estudo visa investigar o contributo do contar de histórias infantis para o desenvolvimento de uma educação multi/intercultural. Desse modo, pretendo analisar a influência das experiências interculturais através do conto de histórias infantis, analisando as ações das crianças e a perceção do mundo envolvente e da existência de diversas culturas, tendo em conta, ainda, as ações pedagógicas a desenvolver com a turma.

2. Identificação dos procedimentos de recolha e de tratamento de dados

Como já referi no capítulo anterior, uma investigação requer um planeamento mais rigoroso, sendo necessário adequar as técnicas de recolha e de tratamento e análise de dados à investigação (Ponte, 2002).

A opção de seleção das técnicas de recolha e tratamento de dados depende da natureza do estudo e dos dados que se pretende recolher. Isto é, os dados podem ser de natureza quantitativa ou de natureza qualitativa. Por norma, quando os dados são de natureza quantitativa, a recolha é realizada através de testes ou inquéritos, mas também podem usar a observação e a análise de documentos pré-existentes, utilizando como técnicas de análise a estatística, que pode ser descritiva ou inferencial (Ponte, 2002). No presente estudo de natureza qualitativa recorri a técnicas como a observação, a entrevista e a análise de documentos, usando técnicas de análise como a análise de conteúdos e a análise de discursos (Ponte, 2002).

Em seguida, apresento as técnicas de recolha e tratamento de dados utilizadas para o desenvolvimento do meu estudo.

2.1 Técnicas de Recolha de Dados

Antes de identificar e caracterizar as técnicas de recolha de dados, importa referir que as técnicas de investigação são “um conjunto de procedimentos bem definidos e transmissíveis, destinados a produzir certos resultados na recolha e tratamento da informação” (Almeiada & Pinto, 1990, p. 102).

Nesta investigação utilizei um conjunto de instrumentos para a recolha de dados, considerados os mais adequados ao meu estudo, designadamente: observação participante, inquérito por entrevista, inquérito por questionário e análise documental.

2.1.1. Observação participante

A observação é uma das técnicas que nos permite recolher informação no meio envolvente, uma vez que visa a observação de situações, com a finalidade de recolher dados da mesma, constituindo-se, por isso, como uma ferramenta “útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos” (Afonso N. , Investigação Naturalista Em Educação: Um guia

prático e crítico, 2005, p. 91). A “observação permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p. 87).

A observação participante é definida como “um processo orientado por um objetivo final ou organizador do próprio processo de observação” (Roegiers & Ketele, 1993, p. 23). Neste tipo de observação, é “o próprio investigador o instrumento principal de observação” (Lessard-Hébert, Goyette, & Boutin, 1990, p. 155), o que lhe permite estar integrado no grupo e, por consequência, compreender melhor as ações dos alunos.

Assim, tal como referido no parágrafo anterior, através da observação participante, tinha como objetivo compreender melhor os conhecimentos e ações dos alunos, principalmente para perceber o que pensam e conhecem sobre o tema em estudo.

A observação pode ser classificada como estruturada ou não estruturada, tendo em conta o tipo de observação. A observação estruturada é quando o investigador utiliza instrumentos de registo de observação, previamente construídos, tendo em conta o objeto em estudo, como por exemplo, fichas ou grelhas (Afonso N. , *Investigação Naturalista Em Educação: Um guia prático e crítico*, 2005). Já a observação não estruturada consiste na escrita de textos como tomada de notas, por exemplo, notas de campo, que podem ser manuscritas ou audiovisuais (Afonso N. , *Investigação Naturalista Em Educação: Um guia prático e crítico*, 2005).

Desse modo, para esta investigação, realizei uma observação participante não estruturada, uma vez que pertencia ao contexto e a observação não foi estruturada, tendo em conta que tive em atenção as interações entre os alunos e registei as minhas observações através de notas de campo, uma vez que:

“As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 151)

Além de ter registado a minhas observações através de notas de campo, recorri à utilização de grelhas de observação, com o objetivo de poder registar dados mais concretos e objetivos para o presente estudo.

Assim, a observação permitiu-me recolher dados que podem complementar as respostas dos inquiridos por questionário, bem como poder ter acesso a dados relevantes para o estudo em causa. Consequentemente, durante a minha intervenção, pude ir interpretando os dados que já tinha recolhido, de forma a poder melhorar a minha intervenção e ir ao encontro dos meus objetivos.

2.1.2. Inquérito por entrevista

O inquérito por entrevista consiste numa técnica de recolha de dados que permite a existência de interação verbal entre o entrevistador e o entrevistado, que pode ser estruturada, não estruturada ou semiestruturada (Afonso N. , *Investigação Naturalista Em Educação: Um guia prático e crítico*, 2005, p. 97).

As entrevistas estruturadas são caracterizadas por ter perguntas pré-estabelecidas, de um conjunto limitado de respostas. No que diz respeito às entrevistas não estruturadas, estas são as que têm perguntas mais abertas que permitem a flexibilidade e a existência de uma conversa entre o entrevistador e o entrevistado, que gira em torno de grandes questões. E, por último, quanto às entrevistas semiestruturadas, estas constituem-se como um meio termo entre as entrevistas estruturadas e não estruturadas (Afonso N. , *Investigação Naturalista Em Educação: Um guia prático e crítico*, 2005).

Para este projeto de investigação, recorreu-se ao inquérito por entrevista de tipo semiestruturada à professora cooperante, uma vez que este tipo de entrevista apresenta uma maior flexibilidade, “pelo facto de não haver uma imposição rígida de questões, o que permite ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto ‘respeitando os seus quadros de referência’, salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier” (Amado & Ferreira, 2014, p. 209).

Esta entrevista foi realizada à professora cooperante, uma vez que pretendia obter informações sobre o que a professora cooperante pensa relativamente à importância da educação multi/intercultural para o currículo e como pensa que a mesma pode ser desenvolvida, pedindo também a sua apreciação sobre a minha intervenção pedagógica (Apêndice 3 e 4).

2.1.3. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário é o instrumento de recolha de dados que pressupõe respostas escritas por parte do respondente (Freixo, 2012). Este instrumento permite organizar e controlar os dados e, ainda, compreender o que os inquiridos referem (Afonso N. , 2014).

O meu objetivo com o recurso a um inquérito por questionário está relacionado com o facto desta técnica permitir o “acesso a um número elevado de sujeitos e contextos diferenciados” (Afonso N. , 2005, p. 101), ou seja, através do inquérito seria mais fácil poder obter dados referentes a cada uma das crianças, a partir de questões abertas e fechadas constantes no questionário.

Tendo em conta o exposto, ao elaborar um inquérito por questionário, é necessário saber se vai contemplar questões abertas e questões fechadas. No meu estudo, optei por utilizar os dois tipos de questões. Por um lado, utilizei as questões fechadas, em que as crianças apenas tinham duas alternativas (sim/não; enriquecedor/prejudicial), de modo a objetivar aquilo que pretendia saber. Por outro lado, optei pelas questões abertas, para possibilitar que as crianças se exprimissem livremente, “utilizando o seu próprio vocabulário, fornecendo os pormenores e fazendo os comentários que considera certos” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 126). Com esta opção, pretendia ter uma maior variedade de respostas e perceber, realmente, o que é que cada um dos alunos já sabia (inquérito inicial) e o que aprenderam com a minha intervenção (inquérito final), uma vez que com esta opção “pretende-se que o respondente elabore uma frase ou um pequeno texto que será depois objeto da análise do conteúdo” (Afonso N. , 2005, p. 104).

Assim, importa salientar que, para o meu estudo, elaborei e apliquei dois questionários aos alunos. Um primeiro, logo no início da minha intervenção, com o objetivo de perceber o que as crianças já sabiam sobre a interculturalidade e para conhecer se existiam crianças com famílias que pudessem ter outra nacionalidade ou ser naturais de um outro país, para que, posteriormente pudesse ser realizado um trabalho de pesquisa sobre os diferentes países (Apêndice 1). E um segundo, no fim da minha intervenção pedagógica, em que pretendia perceber e poder analisar o que as crianças aprenderam com a minha intervenção pedagógica e o que esta pode ter influenciado o seu pensamento e desenvolvimento pessoal e social (Apêndice 2).

Importa, por fim, referir que o inquérito por questionário foi aplicado de forma presencial, para que pudesse auxiliar os alunos no preenchimento do mesmo, bem como eventualmente poder anotar algumas observações que considerasse importantes.

2.1.4. Análise documental

A análise documental é “um método de recolha e de verificação de dados: visa o acesso a fontes pertinentes, escritas ou não, e, a esse título, faz parte integrante da heurística da investigação” (Albarelo, et al., 1997, p. 30), que tem como objetivo o recurso a informações contidas em documentos, prevendo a seleção dos dados mais relevantes tendo em conta o objeto de estudo (Afonso N. , 2005).

Assim, através da análise documental, pretendo analisar documentos já existentes que possam estar relacionados com o meu tema de estudo.

2.2. Técnicas de tratamento de dados

Após a recolha de dados, é necessário proceder ao tratamento dos mesmos, através da sua análise e interpretação, para que seja possível obter uma conclusão de estudo.

Assim, na minha investigação, irei utilizar a análise de conteúdo, “representa um conjunto de procedimentos metodológicos muito frequentes em trabalhos de investigação educacional” (Lima & Pacheco, 2006, p. 106), que passarei a descrever em seguida.

2.2.1. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo “representa um conjunto de procedimentos metodológicos muito frequentes em trabalhos de investigação educacional”, sendo esta considerada “a expressão genérica utilizada para designar um conjunto de técnicas possíveis para tratamento de informação previamente recolhida”. Tal implica que os investigadores utilizem “práticas de análise de conteúdo tão rigorosas, válidas e fiáveis quanto possível” (Lima & Pacheco, 2006, p. 107).

Esta análise será utilizada na análise às respostas ao inquérito por entrevista à professora cooperante e às questões abertas dos inquéritos por questionário realizados à professora cooperante e à turma, respetivamente, bem como será utilizada para analisar os produtos realizados pelas crianças relacionados com as atividades propostas para a presente investigação, bem como a e ainda na análise das notas de campo.

A análise das questões de resposta fechada dos questionários à turma, pela sua natureza, justifica a utilização de uma análise estatística simples, no entanto, como os questionários que implementei são maioritariamente compostos por questões abertas, será necessário a análise de conteúdo para o seu tratamento.

3. Organização da intervenção pedagógica

Neste ponto irei descrever a organização da intervenção pedagógica e a sua descrição.

Importa lembrar que foi feito um inquérito por questionário aos alunos. Através desse inquérito pretendia perceber, também, quais seriam os países que estariam relacionados com a origem dos alunos. Assim, parti do princípio que seria interessante e enriquecedor partir da literatura para a infância de cada um desses países, para promover mais aprendizagens, como o conhecimento de algumas características desses países, como alguns aspetos relacionados com a sua cultura, como as atividades económicas, a língua, a gastronomia, as crenças e a música.

O desenvolvimento da presente investigação, orientado para o desenvolvimento de competências interculturais, desenvolveu-se através de várias sessões, em que cada sessão dinamizada em sala de aula, teve uma cuidadosa planificação prévia tal como se encontra descrito no quadro seguinte:

Organização da intervenção pedagógica	
Sessões	Procedimentos
Sessão n°1 19 de abril de 2021	<ul style="list-style-type: none">◆ Ouvir uma história de literatura infantojuvenil de Portugal: “João Pequenito”.◆ Interpretação e discussão das ideias principais do texto.◆ Discussão sobre Portugal e a sua relação com os outros países lusófonos.◆ Realização de uma ficha de trabalho individual relacionada com o conhecimento geográfico e histórico de Portugal.
Sessão n°2 26 de abril de 2021	<ul style="list-style-type: none">◆ Ouvir uma história de literatura infantojuvenil de Cabo Verde; “Ti’Lobo e o Chibinho”.◆ Discussão sobre a mensagem do conto.

	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Realização, em grande grupo, de uma carta dirigida aos alunos do 4º de uma escola localizada em Cabo Verde. ◆ Realização de uma ficha de trabalho relacionada com o conto, para os alunos que frequentam o apoio especial. ◆ Construção de um cartaz do Mapa Mundo.
Sessão nº3 3 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Realização de pesquisas na biblioteca, através dos computadores e de livros, sobre os países a abordar. ◆ Preenchimento do guião de pesquisa com as informações relevantes.
Sessão nº4 5 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Construção dos cartazes sobre o país que pesquisaram. ◆ Apresentação dos cartazes. ◆ Discussão, em grande grupo, sobre as aprendizagens adquiridas através do trabalho de pesquisa. ◆ Dança ao ritmo das músicas dos países que pesquisaram. ◆ Reflexão sobre as diferenças e semelhanças dos ritmos.
Sessão nº5 11 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Ouvir uma história de literatura infantojuvenil de Angola; “Lenda do Lago Dilolo”. ◆ Interpretação e discussão das ideias principais do conto. ◆ Realização de uma ficha de trabalho relacionada com o conto.
Sessão nº6 17 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Ouvir uma história de literatura infantojuvenil de Brasil; “A mãe d’água”.

	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Interpretação e discussão das ideias principais do conto. ♦ Reflexão e comparação do conto com a apresentação que fizeram anteriormente do Brasil (tarefa dos “Nossos Países”).
Sessão nº7 24 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Ouvir uma história de literatura infantojuvenil de Rússia; “Baba Yaga”. ♦ Interpretação e discussão das ideias principais do conto. ♦ Reflexão e comparação do conto com a apresentação que fizeram anteriormente da Rússia (tarefa dos “Nossos Países”). ♦ Escrita de uma página de um diário, colocando-se no papel da personagem principal.
Sessão nº8 25 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Realização dos bonecos interculturais para o Dia da Criança. ♦ Discussão sobre as diferenças e semelhanças e a importância da existência de diferenças, bem como o respeito pelas mesmas.
Sessão nº9 31 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Ouvir uma história de literatura infantojuvenil de Ucrânia; “A lenda do Príncipe Oleg”. ♦ Interpretação e discussão das ideias principais do conto. ♦ Reflexão e comparação do conto com a apresentação que fizeram anteriormente da Rússia (tarefa dos “Nossos Países”). ♦ Continuação da realização dos bonecos interculturais.
Sessão nº10	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Análise da carta de resposta à carta enviada aos alunos do 4º de uma escola localizada em Cabo Verde.

1 de junho de 2021	<ul style="list-style-type: none">◆ Continuação da realização dos bonecos interculturais.◆ Atividade de Kahoot, com perguntas sobre o projeto desenvolvido e as aprendizagens adquiridas.
---------------------------	--

Quadro 1- Organização da intervenção pedagógica.

Capítulo IV - Apresentação e análise de dados

“A análise de conteúdo é um procedimento essencial da investigação qualitativa” (Amado, 2013, p. 308), que consiste na organização e síntese dos dados, de modo a retirar as informações necessárias para o estudo (Bogdan & Biklen, 1994), sendo, por isso, o tipo de análise que mais se adequa a este estudo, pois, tal como refere (Moraes, 1999):

“A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (p. 2).

Relembrando que após a recolha de dados surge a necessidade de proceder à análise dos mesmos, foi necessário recorrer a esta técnica para poder analisar as respostas ao inquérito por entrevista realizado à professora cooperante e às questões abertas dos inquéritos por questionário realizados à turma. Como referido anteriormente, a análise de dados foi utilizada, ainda, para analisar os produtos realizados pelas crianças, bem como para analisar as notas de campo.

Após a recolha de dados, primeiramente, foi necessário proceder à leitura dos inquéritos por questionário realizados aos alunos (Apêndice 1). Esta leitura permitiu-me saber quais seriam os países que deveriam ser trabalhados neste projeto. De seguida analisei os inquéritos de forma mais minuciosa, de modo a perceber os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema da investigação, para perceber como deveria organizar a intervenção.

Através do primeiro inquérito por questionário percebi que maioria dos alunos ainda não tinham noção do que era a cultura, no entanto, a maioria dos alunos afirmou considerar enriquecedor a existência de diferentes costumes (forma de vestir, línguas diferentes, gastronomia variada, religiões diferentes, etc), à exceção de um aluno, que considerou ser prejudicial, justificando pelo facto de as diferentes religiões poderem originar guerras. As respostas que mais se aproximaram da definição de cultura foram as seguintes:

“Eu acho que a cultura é onde nascemos, por exemplo, eu nasci em Portugal, por isso a minha cultura é portuguesa”.

“A cultura é algo especial como danças, festas”.

“Para mim a cultura é a história dos países”.

No entanto, houve a necessidade de implementar um segundo inquérito por questionário (Apêndice 2), de forma a perceber que aprendizagens os alunos poderiam ter adquirido através deste projeto. Neste segundo inquérito, já a totalidade dos alunos afirmou considerar enriquecedor a existência de diferentes costumes. Através deste inquérito foi possível perceber que a maioria dos alunos adquiriu aprendizagens relacionadas com a cultura, já apresentando definições que se aproximam mais da definição de cultura. Seguem-se algumas das respostas sobre o que os alunos entendiam por cultura:

“A cultura é a língua, gastronomia, a sua religião, história, etc”.

“Cultura significa as comidas típicas de cada país e as danças tradicionais”.

“A cultura é as tradições dos países, da gastronomia, costumes e festas e também é sobre a música como o fado em Portugal”.

No que diz respeito ao inquérito por entrevista realizado à professora cooperante (Apêndice 3 e 4), permitiu-me perceber qual a sua opinião na implementação de uma educação multi/intercultural. A professora cooperante afirmou que, desde que trabalha na área, sempre teve turmas em que estivesse presente uma diversidade cultural e que costuma abordar o tema utilizando as histórias como recurso, sendo este um ótimo instrumento para abordar a diversidade cultural. Além das histórias, a professora também disse que costuma fazer comparações com algo que as crianças estejam familiarizadas, como os clubes de futebol, uma vez que podem ser de equipas diferentes, mas devem respeitar-se. Por isso, afirmou considerar importante uma educação multi/intercultural, desde cedo, para que as crianças, desde idade precoce, saibam que devem respeitar-se uns aos outros.

No que concerne às notas de campo, foi necessário separar as informações revelantes das irrelevantes para o projeto. Por isso, de forma a facilitar a perceção das aprendizagens dos alunos e a análise dos conteúdos, optei por organizar quadros que, através do que era dito pelos alunos, eram descritas as aprendizagens efetuadas, as dificuldades sentidas e a experiência, salientando e justificando o que sentiram ao realizar a atividade. Tanto as notas de campo, como a análise dos produtos que os alunos iam fazendo, permitiram-me ir percebendo, ao longo da intervenção, as aprendizagens que os alunos iam adquirindo ou consolidando.

Capítulo V - Apresentação e interpretação da intervenção

1. Introdução ao estudo

Tal como foi mencionado anteriormente, este projeto de investigação foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Estágio IV, com uma turma de 4º ano de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico, e teve como principais objetivos:

- Identificar e compreender de que forma as histórias de literatura para a infância podem contribuir para uma educação multi/intercultural;
- Sensibilizar os alunos para o respeito pelas diferenças.

A minha intervenção, como professora estagiária e investigadora, decorreu entre abril e junho de 2021. Logo na fase inicial do estágio, tendo como objetivo dar início à presente investigação, conversei com os alunos sobre o projeto que iria desenvolver e da vontade que tinha de que todos participassem e aprendessem com as atividades que lhes iria propor. Solicitei-lhes inicialmente, como já anteriormente referido, que respondessem a um inquérito por questionário, de forma a poder perceber o que os alunos já sabiam sobre cultura, e ainda, para saber se existiam alunos ou pais que tivessem nacionalidade e/ou naturalidade estrangeira, bem como a sua opinião face às diferenças culturais.

Importa referir, que assim que informei os alunos que iríamos trabalhar num projeto que iria envolver vários países, estes mostraram um grande entusiasmo e curiosidade pelas atividades que iriam surgir.

Após perceber que, na turma, existiam alunos e pais com nacionalidades de diversos países, nomeadamente de Portugal, Cabo Verde, Angola, Brasil, Rússia e Ucrânia, propus uma leitura por semana, de um conto tradicional de cada país, promovendo, em seguida, a interpretação e discussão do conto e, partir da leitura, para a realização de outras atividades relacionadas com o tema do estudo.

Importa referir que todas as atividades foram realizadas por mim, com o auxílio da minha colega de estágio, e estavam integradas na planificação semanal das aulas, tendo em conta os conteúdos programáticos a trabalhar, definidos com a professora cooperante, que também sempre se mostrou pronta a ajudar e dar sugestões sobre as planificações e respetiva intervenção.

As atividades foram realizadas dentro da sala de aula, na biblioteca da escola e no espaço exterior da mesma, tendo em conta as especificidades de cada uma das atividades a desenvolver.

2. Descrição e análise da intervenção

Como já foi referido, na turma onde desenvolvi o presente projeto, pretendia-se promover a leitura para a infância de histórias relacionadas com os seguintes países: Portugal, Cabo Verde, Angola, Brasil, Rússia e Ucrânia. Assim, pretendia que em cada semana da intervenção fosse lida uma história de cada um desses países. A ideia seria ler uma história de literatura infantojuvenil, promover uma discussão sobre a interpretação do texto e sobre o que possivelmente poderiam ter aprendido sobre o país e a sua cultura através da história e partir daí para o desenvolvimento de outras atividades que pudessem estar relacionadas com a promoção de uma educação multi/intercultural.

Surgiu a ideia do conto de histórias de literatura para a infância de cada país, pelo facto de as histórias serem consideradas um dos melhores instrumentos para poder trabalhar a educação multi/intercultural. A leitura de histórias de literatura para a infância permite-nos viajar para outros tempos e lugares, permite que o leitor se possa identificar com as personagens, promovendo, assim, a compreensão e empatia em relação aos outros, e proporciona, ainda, novas aprendizagens e o desenvolvimento de competências de leitura (Sousa, 2007).

A leitura de histórias de literatura para a infância, por ser sobre diferentes países, poderia estimular a curiosidade dos alunos e, conseqüentemente, a sua motivação, pelo facto de poderem conhecer novas histórias que estão relacionadas a outros países. Por isso, essa leitura, ainda promove a formação de leitores, pois tal como defendem Pontes e Azevedo (2008) “A obra literária de potencial receção infantil, ao envolver e seduzir, encanta e proporciona interação do leitor com o texto o que torna ainda mais prazeroso o ato de ler, o que termina por proporcionar a formação de leitores.”

Para além da leitura das histórias dos diversos países, os alunos desenvolveram outras atividades como: a construção de um cartaz do Mapa do Mundo, a escrita de uma carta destinada a alunos de uma turma de 4º ano numa escola em Cabo Verde e, posteriormente, a análise da resposta que receberam, pesquisa na biblioteca sobre um daqueles países, seguindo-se a construção de um cartaz com a informação mais relevante e apresentação do mesmo, dança ao ritmo das músicas dos diferentes países que trabalharam, escrita de uma página de um diário e criação de bonecos interculturais para o Dia da Criança e, por fim, foi realizada uma atividade de Kahoot, com algumas perguntas sobre as atividades realizadas, de forma a poderem perceber o que aprenderam

e consolidar aprendizagens. Estas atividades foram desenvolvidas individualmente, em pequenos grupos, ou em grande grupo, de acordo com o que seria mais adequado a cada atividade.

Tendo presente os objetivos do estudo, ao realizar a análise dos dados obtidos pretendia perceber, através das produções dos alunos, como as atividades realizadas contribuíram para a sua aprendizagem, e para a transmissão de valores, e aquisição e desenvolvimento de competências interculturais e respeito pelas diferenças dos outros.

De seguida, irei apresentar as atividades realizadas ao longo do projeto, procedendo à sua apresentação, bem como aos dados obtidos.

2.1. Leitura para a infância

Como já foi referido, tendo em conta que na turma existiam alunos e pais com nacionalidades de diversos países, foi proposta uma leitura por semana, de uma história relacionada com cada país de algum modo representado na turma. Promovendo-se, em seguida, a interpretação e discussão do conto, e partir destas, para a realização de outras atividades relacionadas com o tema do estudo.

A leitura das histórias tinha como principais objetivos o conhecimento de características dos países em questão, o conhecimento de diferentes identidades culturais e a promoção da noção da importância pela valorização das diferenças culturais.

Quanto à metodologia adotada na atividade de leitura infantil, esta foi a de ser sempre realizada em grande grupo, assim como a sua discussão e interpretação, exceto quando da realização das fichas de trabalho, que eram realizadas individualmente, procedendo-se a sua correção em grande grupo.

“João Pequeno” em “Contos Tradicionais dos Países Lusófonos” de Fernando Vale.

“Ti’Lobo e o Chibinho” em “Histórias de longe e de perto” de Maria de Lurdes Sores.

“Lenda do Lago Dilolo” em “Histórias de longe e de perto” de Maria de Lurdes Sores.

“A mãe d’água” em “Histórias de longe e de perto” de Maria de Lurdes Sores.

“Baba Yaga” em “Contos e lendas do Mundo” de Margarida Pereira Muller.

“A lenda do Príncipe Oleg” em “História da Ucrânia em Fábulas e Lendas” de Lavriska, I.

Figura 2- Histórias de literatura para a infância exploradas.

Este conto conta a história de um homem pobre que tinha três filhos. O homem pediu aos filhos para irem em busca de fortuna. Os três filhos partiram e foram ter a um palácio de um rei turco, conseguindo, graças ao João Pequenito, fugir à morte planeada pelo rei. Os três irmãos acabaram por tomar rumos diferentes, e o João Pequenito foi pedir trabalho noutra palácio. João Pequenito, era tão bom trabalhador, que os outros funcionários começaram a ficar com inveja e foram inventar para o rei que o João Pequenito tinha coragem de furtar coisas ao rei turco, que era seu rival. O rei propôs que o João Pequenito furtasse o rei turco, e em troca se casaria com a sua filha, e assim o fez. Depois de João Pequenito se casar com a princesa, chamou o seu pai e os seus irmãos para perto dele, dando-lhes cargos altos na corte.

Antes da leitura foi feita uma breve discussão sobre Portugal, uma vez que os alunos estavam a aprender o tema de Portugal na União Europeia, assim, tentei enquadrar a atividade à leitura deste conto, com os temas sugeridos pela professora cooperante, sendo estes: Compreensão de texto; Compreensão e expressão; Conhecimento do mundo.

A segunda leitura foi sobre uma história de Cabo Verde: “Ti’Lobo e o Chibinho”.

A história do conto, remete a uma época de seca, em que a personagem Ti’Lobo passava fome e encontrou a personagem Chibinho, que estava mais gordo. Chibinho acaba por dizer o que fez para poder comer a Ti’Lobo, sob a promessa de que este seguia todas as regras à risca. Ti’Lobo, não seguiu as regras à risca, porque acabou por comer demais, e consequentemente acabou por ser punido.

O conto apresenta algumas expressões típicas de Cabo Verde, como *relampeado*¹, *bi*², *teve dor dele*³, como aborda algumas tipicidades, como a gastronomia, referindo-se às *patancas*⁴, e a moeda utilizada no país, que era o escudo.

Antes de ler o conto, foi também lida uma breve descrição do país, apresentando as suas principais características (históricas e geográficas).

A terceira história de literatura para a infância foi de Angola: “A Lenda do Lago Dilolo”. Este conto retrata a história de uma velha de aspeto desagradável, que passava por uma sanzala, a oferecer peixes em mau estado em troca de farinha de mandioca ou de milho.

¹ Esquelético

² Então

³ Dó, pena

⁴ Bolos de milho, comida tradicional de Cabo Verde

Pelo aspeto da velha, todos os moradores da vila negaram o que ela oferecia, exceto uma menina. Por tê-la ajudado, a velha avisou-a para fugir assim que ouvisse os galos cantar, juntamente com um canto: “calumbo weza, calumbu weza” que significa “calambu chegou, calambu chegou”. Ao ouvir os galos e o canto, uma enorme vaga afundou a sanzala e todos os seus habitantes, fazendo a sanzala desaparecer, transformando-se num enorme lago.

Foi realizada também uma ficha de trabalho, com algumas perguntas relacionadas com a compreensão do texto, para que os alunos que frequentam o apoio a pudessem realizar. Para além da ficha, os alunos ainda escreveram, um pequeno texto sobre o que imaginariam ter acontecido com a velha.

Importa referir que antes da leitura deste conto já tinha sido realizado o trabalho de pesquisa sobre os países que seriam trabalhados. Nesse sentido, no momento de discussão, seria também possível fazer uma reflexão e comparação sobre o que aprenderam sobre Angola através do conto e com o que aprenderam através do trabalho de pesquisa, e o mesmo aconteceu com os restantes contos dos outros países (Brasil, Ucrânia e Rússia).

A quarta leitura foi sobre uma história do Brasil: “A mãe d’água”. Neste conto, os alunos ouviram uma história de um senhor que tinha uma plantação de melancias perto do mar e todos os dias de noite lhe desapareciam algumas. O senhor, intrigado, procurava saber quem lhe andava a tirar as melancias, até que, certa noite, viu que era uma bela moça. Casaram-se e o senhor começou a ganhar muito dinheiro. A moça que ficava em casa começou a sentir-se em baixo e a desleixar-se nas lidas da casa e, por isso, o marido ficou aborrecido, pelo que ela decidiu sair de casa, voltando para o mar, e o senhor acabou por perder tudo o que tinha conquistado.

A quinta leitura contou com uma história de literatura para a infância da Rússia: “Baba Yaga”. Este conto, relata a história de uma menina que tinha uma madrasta que não gostava dela, e que decidiu livrar-se dela. Assim, a madrasta disse à menina que fosse ter com a sua tia, a Baba Yaga, uma bruxa má que vivia na floresta, e que lhe pedisse uma agulha e um fio. A menina decidiu primeiro encontrar-se com a irmã da sua mãe, que lhe deu uns bons conselhos para enfrentar a Baba Yaga. Para enfrentá-la, a menina precisou ainda da ajuda dos “ajudantes” da Baba Yaga. Os seus “ajudantes” já cansados da ingratidão de Baba Yaga, decidiram ajudar a menina. Assim, a menina conseguiu fugir

da bruxa e contou ao seu pai o que aconteceu e este livrou-se da madrasta, vivendo, assim, o pai e a menina, felizes para sempre.

Por fim, a sexta leitura, remete a uma história de literatura para a infância da Ucrânia: “A lenda do Príncipe Oleg”. Nesta história, contamos com um príncipe que vivia num grande castelo nas colinas de Kyiv e que era amado por todos os seus súbditos. Num dos seus passeios, no seu belo cavalo, o príncipe avistou uma bela rapariga junto a um poço, que previu que o príncipe morreria por causa do seu cavalo e que o motivo da sua morte se espalharia. Passados 33 anos, voltando de uma batalha, o príncipe Oleg descobriu que o seu cavalo havia falecido. Ao ir ver o seu cavalo, foi mordido por uma cobra venenosa, que acabou por nunca ser encontrada.

Em todos os contos, depois da leitura foi promovida uma discussão em grande grupo, tentando perceber as reações e opiniões face ao que escutaram. Tal tinha como objetivo permitir que os alunos pudessem interpretar e analisar o conto, identificando as ideias principais, respondendo, também, a perguntas orais colocadas pelas estagiárias e, ainda, com a apresentação de um breve resumo.

Apresentam-se, em seguida, algumas das opiniões dos alunos sobre as aprendizagens efetuadas através da leitura de cada um dos contos tradicionais:

Contos tradicionais	Aprendizagens efetuadas
<p>Portugal</p> <p>“João Pequenito”</p>	<p>“Aprendi que em Portugal havia reis” (J.N, 10 anos).</p> <p>“Aprendi que nunca se esquece da família” (A.W., 9 anos).</p> <p>“Aprendi que em Portugal era bom trabalhar na corte” (D.R, 9 anos).</p>
<p>Cabo Verde</p> <p>“Ti’Lobo e o Chibinho”</p>	<p>“Em Cabo Verde fazem um doce com as bananas...” (D.G., 9 anos) “Patancas” (F.S., 10 anos).</p> <p>“Aprendi novas palavras na história” (A.C, 9 anos).</p> <p>“Os nomes, que as pessoas lá são tratadas por ‘ti’” (A.W., 9 anos).</p>

	<p>“Aprendi que em Cabo Verde também existem coisas novas. As pessoas são diferentes. A cultura é diferente. Eles conseguem inventar histórias diferentes e lá existem muitas plantações” (D.G., 9 anos).</p>
<p>Angola</p> <p>“Lenda do Lago Dilolo”</p>	<p>“Aprendi que Dilolo fica em Angola” (M.D., 9 anos).</p> <p>“Aprendi novas palavras” (M.D., 10 anos).</p> <p>“Aprendi uma canção esquisita” (M.C., 10 anos).</p>
<p>Brasil</p> <p>“A mãe d’água”</p>	<p>“Aprendi palavras novas... ‘arregue’” (L.M., 9 anos).</p> <p>“Aprendi que a ‘mãe d’água’ era uma sereia que vivia no brasil” (B.H., 10 anos).</p> <p>“Há uma boneca que se chama Calunga” (M.D., 9 anos).</p> <p>“No Brasil há muitos rios e muitas histórias com muitas invenções e muito interessantes” (L.C., 10 anos).</p>
<p>Rússia</p> <p>“Baba Yaga”</p>	<p>“Baba existe na língua russa” (D.R., 9 anos).</p> <p>“Aprendi palavras esquisitas” (F.S., 10 anos).</p> <p>“Aprendi coisas tradicionais” (M.C., 10 anos).</p>
<p>Ucrânia</p> <p>“A lenda do Príncipe Oleg”</p>	<p>“Aprendi que na Ucrânia gostam de ter cavalos” (A.C., 9 anos).</p> <p>“Eram governados por reis” (D.R., 9 anos).</p> <p>“Aprendemos palavras novas: Kniaz... Oleg” (F.S., 10 anos).</p> <p>“Aprendi mais uma lenda de um país diferente” (C.F., 9 anos).</p>

Quadro 2- Aprendizagens efetuadas através da leitura dos contos tradicionais.

Apresentam-se, agora, alguns dados obtidos referentes à opinião dos alunos sobre a audição dos contos:

Aprendizagens	Dificuldades	Experiência
<p>“Aprendemos muitas coisas sobre os países” (L.M., 9 anos).</p> <p>“Os países têm línguas diferentes” (C.F., 9 anos).</p> <p>“Esses países ficam longe um dos outros” (M.D., 9 anos).</p> <p>“Os países têm culturas diferentes” (D.G., 9 anos).</p> <p>“As pessoas são diferentes nos outros países” (A.W., 9 anos).</p>	<p>“Às vezes não percebia algumas palavras diferentes” (L.M., 9 anos).</p>	<p>“Gostei muito de ouvir histórias novas” (D.C., 9 anos).</p> <p>“Gostei porque aprendi coisas novas sobre os outros países” (L.C, 10 anos).</p> <p>“Gostei porque todas as semanas aprendíamos uma história nova” (M.D., 9 anos).</p> <p>“Gostei porque aprendi palavras de outros países” (L.M., 9 anos).</p>

Quadro 3- Opinião dos alunos face à leitura dos contos tradicionais.

No que diz respeito à implementação desta atividade, é possível afirmar que os alunos demonstraram sempre muito interesse e entusiasmo, desde a leitura do primeiro conto até à leitura do último, sendo que foi notório o aumento do entusiasmo cada vez que liamos um conto. No início da leitura de cada narrativa os alunos se mostravam expectantes por irem conhecer mais sobre um novo país. Um exemplo disso demonstrativo: “Boa! Hoje vamos aprender mais sobre países diferentes” (M.D., 9 anos).

Relativamente às aprendizagens efetuadas, como consta no quadro 3, os alunos aprenderam diversas características dos países, como valores: “Aprendi que nunca se esquece da família” (A.W, 9 anos); gastronomia: “Em Cabo Verde fazem um doce com as bananas...”(D.G., 9 anos) e completa “Patancas” (F.S., 10 anos); música: “Aprendi uma canção esquisita” (M.C., 10 anos); crenças: “Aprendi que a ‘mãe d’água’ era uma sereia que vivia no brasil” (B.H., 10 anos); diversidade linguística: “Aprendemos palavras novas: Kniaz... Oleg” (F.S., 10 anos); e que esses países têm uma cultura diferente e as pessoas também são diferentes: “Aprendi que em Cabo Verde também existem coisas

novas. As pessoas são diferentes. A cultura é diferente. Eles conseguem inventar histórias diferentes e lá existem muitas plantações” (D.G., 9 anos).

De um modo geral, através desta atividade, como podemos constatar no quadro 4, os alunos consideram que aprenderam muito sobre outros países, destacando a localização dos países, a diversidade linguística e, sobretudo, a diversidade cultural, tal como é possível observar no seguinte excerto: “Os países têm culturas diferentes” (D.G., 9 anos). Constata, assim, que o objetivo desta atividade foi concretizado, os alunos aprenderam sobre as características e cultura dos vários países que trabalhámos, conheceram diferentes identidades culturais e tiveram a oportunidade de perceber que as diferenças culturais podem ser algo positivo.

No que se refere às dificuldades sentidas, a maioria dos alunos afirmou não ter sentido nenhuma, exceto em relação à existência de algumas palavras diferentes, provenientes da diversidade linguística existente, tal como afirmou a aluna “às vezes não percebia algumas palavras diferentes” (L.M., 9 anos). No entanto, sempre que aparecia uma palavra diferente, que os alunos provavelmente não estariam familiarizados, antecipadamente, procuravam-se imagens representativas para apresentar.

Quanto à vivência desta experiência, pode considerar-se que todos os alunos gostaram, ao referirem o prazer que tiveram em aprender mais sobre os diferentes países, como consta no quadro 4.

Importa salientar que no decorrer desta atividade todos os alunos demonstraram saber respeitar as regras que lhes foram apresentadas, fazendo silêncio durante a leitura e apenas colocando dúvidas no final desta, tal como solicitado. Mostraram-se também bastante participativos, pois a maioria dos alunos quiseram sempre expor os seus conhecimentos e o que aprenderam através da leitura.

2.2. Escrita e análise da carta

Esta atividade tinha como principal objetivo conhecer diferentes identidades culturais, nomeadamente de Cabo Verde, ao conhecer a realidade das escolas do país.

Para dar início a esta atividade, utilizou-se a leitura do conto de Cabo Verde “Ti’Lobo e o Chibinho” como fio condutor. Nesta atividade foi realizada uma carta com o objetivo de estabelecer contato com uma escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, em Cabo Verde, de forma a poderem conhecer uma realidade diferente. Assim, as estagiárias começaram por promover um diálogo sobre o que é uma carta, para que serve e qual a sua estrutura, de forma que fossem os alunos a identificar a estrutura, bem como, o que colocar e onde num envelope. De seguida, desafiaram-se os alunos a pensarem sobre o que gostariam de escrever e de perguntar aos colegas da turma de Cabo Verde. A carta foi escrita no quadro e os alunos copiaram para os seus cadernos (Apêndice 5).

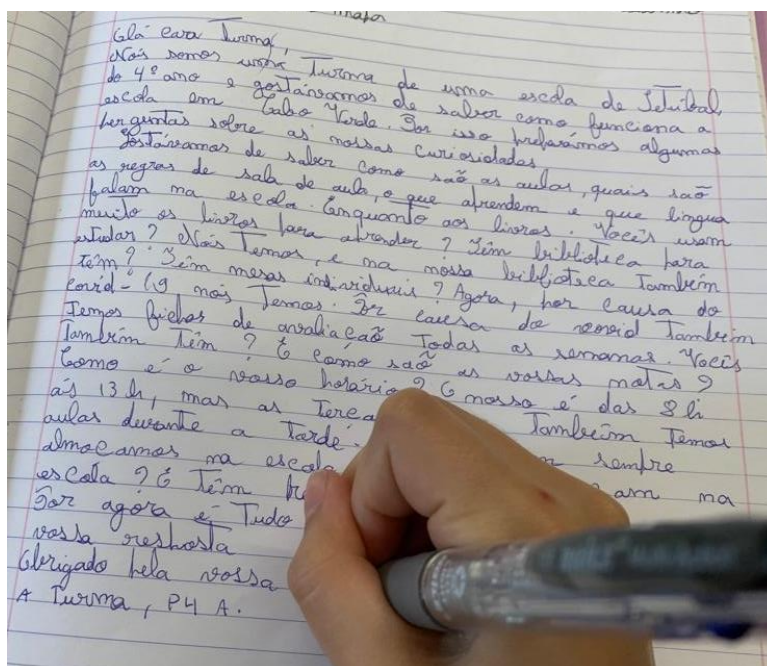


Figura 3- Realização da atividade: Escrita e análise da carta.

A carta foi enviada e passadas algumas semanas obtivemos uma resposta. A resposta foi analisada.

Na análise, a carta foi projetada no quadro interativo da sala, para que todos pudessem acompanhar a leitura e visualizá-la (Apêndice 6). Começámos, então, por ver quais seriam as semelhanças e diferenças que poderíamos encontrar entre as duas escolas.

Como semelhanças os alunos identificaram:

- “As regras” (D.C., 9 anos);
- “Têm computadores” (L.C., 10 anos);
- “Têm fichas como nós” (F.S., 10 anos);
- “Falam a mesma língua na escola, o português” (B.H., 10 anos);
- “Também são uma turma de 4º ano (L.M., 9 anos).

Como diferenças os alunos identificaram:

- “Falam crioulo” (M.D., 9 anos);
- “Têm pouco tempo de aula” (M.C., 10 anos);
- “Têm aulas só de manhã” (A.C., 9 anos);
- “Não têm refeitório” (H. N., 10 anos);
- “Comem na sala de aula” (L.M., 9 anos).

Apresentam-se, em seguida, as opiniões dos alunos provenientes da análise efetuada à carta recebida.

Aprendizagens	Dificuldades	Experiência
<p>“Aprendemos o que eles fazem na escola” (D.G., 9 anos).</p> <p>“A escola é diferente e têm pouco tempo de aula. Como eles fazem 3 horas de aula, fazem menos tempo que nós” (M.D., 9 anos).</p> <p>“Aprendemos coisas diferentes, aprendemos coisas sobre Cabo Verde” (B.H., 10 anos).</p>	<p>“Pensar nas perguntas para meter na carta” (B.H., 10 anos).</p>	<p>“Gostei muito de saber como é a escola em Cabo Verde” (C.F., 9 ano).</p> <p>“Gostei muito de escrever a carta” (R.C., 11 anos).</p> <p>“Gostei muito de ler a carta deles, foi muito engraçado e aprendi muito” (L.C., 10 anos).</p> <p>“Gostei muito porque aprendi mais sobre Cabo Verde” (D.R., 9 anos).</p>

<p>“As regras são iguais” (D.C., 9 anos).</p> <p>“Têm um horário diferente. Pelo que escreveram têm uma educação diferente... são mais educados do que nós.” (D.G., 9 anos).</p> <p>“Na escola falam português, mas em casa falam crioulo” (F.S., 10 anos).</p>		
---	--	--

Quadro 4- Opinião dos alunos face à escrita e após a análise da carta.

No que diz respeito à implementação desta atividade, considero que foi do interesse dos alunos, pois demonstraram muito entusiasmo no desenvolvimento da mesma. Considero que esta atividade, por ser uma carta que eles sabiam que realmente iria ser entregue e lida a crianças com a mesma idade que eles, mas talvez com uma realidade escolar diferente, os motivou imenso. Foi claramente notória o envolvimento dos alunos, que queriam fazer tantas perguntas, que foi necessário proceder a uma seleção das perguntas formuladas.

Em relação às aprendizagens podemos, primeiramente, realçar as semelhanças e diferenças que os alunos salientaram na análise da carta. Assim, os alunos puderam perceber que as crianças de Cabo Verde pertencem a um povo diferente, que apresentam diferenças na sua realidade escolar, mas também apresentam semelhanças, percebendo, assim, que não é uma realidade tão diferente, sendo que até salientam que as regras de sala de aula são semelhantes.

Ainda em relação às aprendizagens efetuadas, como podemos observar no quadro 5, os alunos perceberam que têm um horário diferente e houve um aluno que considerou que os outros colegas tivessem uma educação diferente ao referir que: “Têm um horário diferente. Pelo que escreveram têm uma educação diferente... são mais educados do que nós.” (D.G., 9 anos). Considero que a opinião do aluno referente ao serem mais educados, está relacionada com a maneira como a carta estava escrita, que apresentava uma

linguagem mais formal e mais cuidada. Os alunos ainda aprenderam que existe alguma diversidade linguística, sendo que têm como língua o crioulo, apesar de o português ser a língua oficial: “Na escola falam português, mas em casa falam crioulo” (F.S., 10 anos).

No que diz respeito às dificuldades sentidas, apesar de considerar que estes alunos são muito criativos e pensaram em imensas perguntas para colocar na carta, um aluno referiu que sentiu algumas dificuldades em escolher a pergunta para colocar na carta, por isso, solicitei que o aluno pensasse no seu quotidiano escolar e que poderia fazer uma pergunta referente ao mesmo, de forma a encontrar semelhanças ou diferenças. Exceto esta dificuldade sentida, todos os outros alunos afirmaram não ter sentido nenhuma dificuldade.

Relativamente à experiência dos alunos, todos eles disseram ter gostado da atividade, salientado o facto de que é uma maneira divertida de poder conhecer mais sobre outros países: “Gostei muito de ler a carta deles, foi muito engraçado e aprendi muito” (L.C., 10 anos).

Importa referir que no decorrer desta atividade os alunos demonstraram mais entusiasmo e parece que sentiram alguma dificuldade em participar de forma ordeira, falando, por vezes sem colocar a mão no ar, o que inicialmente dificultou um pouco o desenvolvimento da atividade. No entanto, na parte da análise da carta já demonstraram saber respeitar as regras, fazendo silêncio durante a leitura da mesma e colocando a mão no ar antes de participar. No decorrer da atividade, mostraram-se sempre muito participativos.

Face ao exposto, é possível constatar que o objetivo da realização desta atividade foi concretizado, uma vez que os alunos ficaram a ter um maior conhecimento sobre a identidade cultural de Cabo Verde, ao conhecer a realidade de uma das escolas do país.

2.3. Construção do cartaz do Mapa do Mundo

Esta atividade tinha como principal objetivo reconhecer e localizar no mapa países, continentes e oceanos, podendo vir a servir como auxílio para localizar os países que foram trabalhados no desenvolvimento do tema em estudo.

Nesta atividade, foi solicitado aos alunos que construíssem um planisfério em cartolina, dando seguimento aos conteúdos abordados sobre o Conhecimento do Mundo, nas sessões anteriores de Estudo do Meio e da leitura de contos e lendas tradicionais de diversos países.

Primeiramente foi feita uma revisão de conteúdos, em que através de um diálogo sobre o que já sabiam sobre a identificação e localização de continentes e oceanos. De seguida, os alunos teriam de colorir bocados de papel (divididos pela fronteira entre alguns países, como se de um puzzle se tratasse), de acordo com a cor do continente a que pertence (Europa - castanho; Ásia - verde; África- vermelho; Oceânia – cor-de-rosa; Antártida – cor de laranja; América – amarelo).



Figura 4- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.

Posto isto, teriam de colar o papel colorido na parte do planisfério, representado na cartolina, a que pertence. Por último, ainda deveriam identificar e localizar os continentes e oceanos.



Figura 6- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.



Figura 5- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.



Figura 7- Realização da atividade: construção do cartaz do Mapa Mundo.

Para a realização desta atividade, os alunos estavam sentados nos seus lugares habituais, sendo realizada de forma individual. No entanto, poderiam juntar-se com os colegas, de forma a juntar os pedaços do puzzle.

Apresentam-se, em seguida, as opiniões dos alunos face à construção do cartaz do Mapa do Mundo.

Aprendizagens	Dificuldades	Experiência
<p>“Aprendi onde ficam os continentes” (M.D., 10 anos).</p> <p>“Os continentes têm muitos países dentro deles” (M.D., 9 anos).</p>	<p>“Ver onde estavam os países” (H., 10 anos).</p> <p>“Ver de que cor tinha que pintar o papel” (B.H., 10 anos).</p> <p>“Meter o país onde ele é” (A.C., 9 anos).</p>	<p>“Gostei muito e gostava de fazer coisas assim mais vezes” (M.M., 10 anos).</p> <p>“Gostei muito e foi muito bom para aprender onde estão os países” (D.G, 9 anos).</p>

<p>“Aprendi novos oceanos e novas localizações” (D.G., 9 anos).</p> <p>“As culturas são diferentes em diferentes sítios do planeta” (B.H., 10 anos).</p> <p>“Aprendemos os países lusófonos” (L.C., 10 anos).</p>	<p>“Ver onde estão os continentes” (A.W., 9 anos).</p>	
---	--	--

Quadro 5- Opinião dos alunos referente às aprendizagens realizadas com a construção do cartaz do Mapa do Mundo.

Relativamente à implantação desta atividade, foi possível perceber o entusiasmo por parte dos alunos. Perceberam que era uma atividade diferente e mostraram logo interesse por se assemelhar à construção de um puzzle.

Em relação às aprendizagens efetuadas, tal como é possível observar no quadro 6, os alunos aprenderam a localização de continentes e oceanos, onde ficam os países lusófonos, que tínhamos vindo a trabalhar, e ainda, perceberam que há culturas diferentes nos diversos países, como demonstra o exemplo constante no excerto seguinte: “As culturas são diferentes em diferentes sítios do planeta” (B.H., 10 anos).

No que diz respeito às dificuldades sentidas, os alunos identificaram algumas, principalmente referentes à localização dos continentes, pois ainda não estavam completamente familiarizados com o Mapa do Mundo.

Quanto à experiência dos alunos, pode salientar-se que todos os alunos gostaram desta atividade, principalmente por ser uma atividade diferente do que o que estavam habituados, pedindo até para repetir este tipo de atividade: “Gostei muito e gostava de fazer coisas assim mais vezes” (M.M., 10 anos).

Durante a realização da atividade, os alunos demonstraram saber estar e respeitar as regras, no entanto, durante o momento de colagem do puzzle, foi notório alguma inquietação e conversa por parte dos alunos, principalmente porque cada aluno queria mostrar aos colegas que já sabia onde colocar o a parte do puzzle que tinha.

Tendo em conta o exposto, percebe-se que esta atividade cumpriu os seus objetivos, pois os alunos aprenderam a reconhecer e localizar no mapa países, continentes e oceanos, e a

partir daí ainda puderam localizar os países lusófonos, que seriam alguns dos países que estavam a ser trabalhados no âmbito do projeto desenvolvido.

2.4. Pesquisa e apresentação dos “nossos países”

Referindo para lembrar, esta atividade tinha como principais objetivos conhecer os costumes dos países: Portugal, Cabo Verde, Angola, Brasil, Rússia e Ucrânia (monumentos, rios, atividades económicas, localização no mapa, costumes e tradições, comidas típicas, músicas e danças tradicionais, moeda, hino, densidade populacional, língua oficial), conhecer as diferentes identidades culturais; e ainda refletir sobre a interculturalidade.

Esta atividade consistiu na realização de um trabalho de pesquisa sobre os países de “origem” dos alunos da turma (países onde nasceram ou onde os pais nasceram), devendo esse trabalho ser apresentado à turma. Iniciou-se a tarefa questionando os alunos sobre onde nasceram e onde os pais nasceram, os dados obtidos foram referentes aos países: Portugal, Cabo Verde, Angola, Brasil, Rússia e Ucrânia. A turma organizou-se em 6 grupos (4 grupos de 3 elementos e 2 grupos de 4 elementos) para trabalharem os 6 países. Assim, cada grupo ficou responsável pela pesquisa referente a um país. Foi distribuído um guião de pesquisa (Apêndice 7) pelos grupos que foi analisado, dando oportunidade aos alunos de colocarem dúvidas. O guião incluía elementos que os alunos deveriam pesquisar, com as indicações para a realização do cartaz e, ainda, com a autoavaliação da atividade, com o objetivo de perceber o que os alunos aprenderam ao realizar a atividade.

Em seguida, a turma foi para a biblioteca, onde começaram a realizar as pesquisas com recurso aos computadores, enquanto os outros o faziam com recurso às obras existentes previamente selecionadas e organizadas por mim. Ao realizar a pesquisa, os alunos preenchiam o guião.



Figura 8- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.

Os alunos, apesar de estarem distribuídos em grupos, nesta primeira fase trabalharam de forma individual. No entanto, numa fase anterior, tiveram que se juntar e distribuir tarefas entre os membros do grupo.

Após realizar a pesquisa, os alunos procederam à construção de um cartaz sobre o país que estavam a trabalhar. Organizaram-se para a construção do cartaz, tendo em conta a organização que fizeram durante o guião de pesquisa (tarefas distribuídas). Em que, cada um poderia fazer no cartaz a parte referente ao que pesquisou.



Figura 9- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.

No final procedeu-se à apresentação dos trabalhos. Importa referir que, ao iniciar a apresentação, os alunos, de cada um dos grupos, deveriam localizar no mapa do mundo, anteriormente elaborado, o país que pesquisaram.



Figura 10- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.

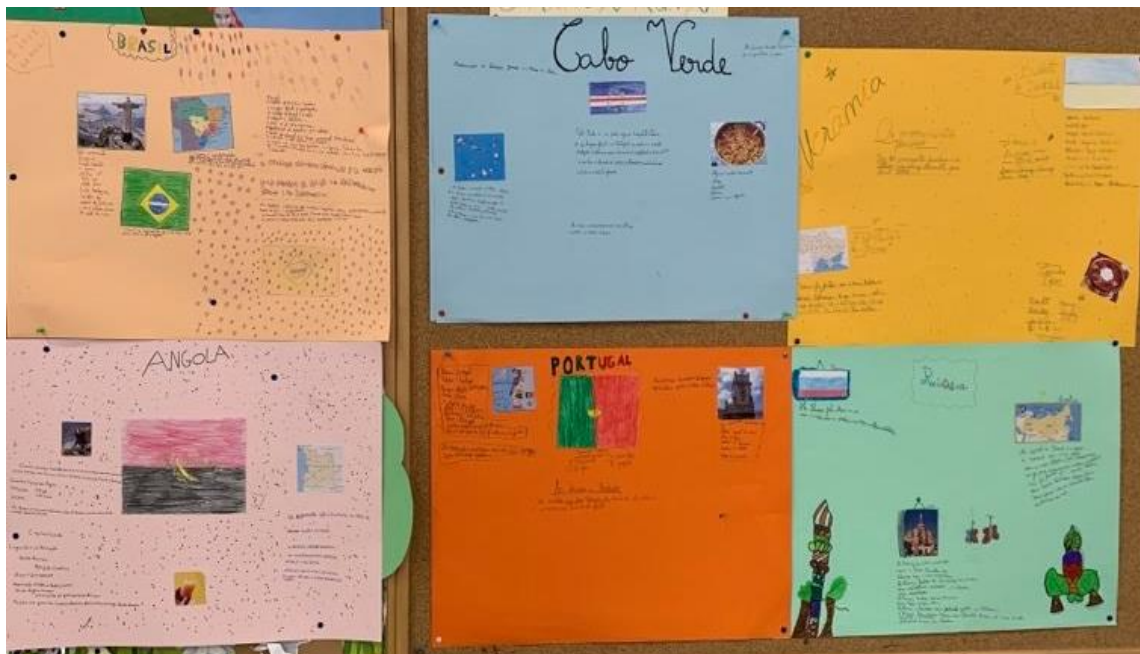


Figura 11- Realização da atividade Pesquisa e apresentação dos “nossos países”.

Apresentam-se, em seguida, as opiniões dos alunos face à pesquisa e apresentação dos “nossos países”.

	Aprendizagens	Dificuldades	Experiência
Portugal	“Eu aprendi a área de Portugal, religiões e as comidas típicas e as danças tradicionais.” (D.G., 9 anos).	<p>“Encontrar tudo na internet” (D.R., 9 anos).</p> <p>“Fazer o cartaz, foi muito divertido, mas também foi difícil” (C.F., 9 anos).</p> <p>“Estava nervosa para apresentar o meu país” (B.H., 10 anos).</p>	<p>“Esta foi a minha atividade favorita, porque pudemos ir para a biblioteca e pesquisar nos computadores” (L.C., 10 anos).</p> <p>“Gostei muito de ir para a biblioteca, foi muito divertido” (C.F., 9 anos).</p> <p>“O que gostei mais foi de fazer o cartaz” (A.W., 9 anos).</p>
Cabo Verde	“Em Cabo Verde fazem um doce que é a patanca” (M.D., 9 anos); “A capital de Cabo Verde é Praia” (L.C., 10 anos).		
Angola	“Eu aprendi que em Angola a comida é muito boa e que lá fazem Muamba” (A.C., 9 anos).		
Brasil	“Amazónia é a maior floresta do mundo e que o Brasil tem 3 fronteiras e o monumento principal é o Cristo Rei” (M.C., 10 anos).		
	“Eu aprendi que o Brasil tem uma das músicas que é muito conhecida, que é o samba” (M.D., 9 anos).		
Rússia	“Eu aprendi que a Rússia tem muitas comidas típicas” (B.H., 10 anos).		

Ucrânia	<p>“Eu aprendi um bocado sobre os monumentos” (D.R., 9 anos).</p> <p>“Eu aprendi que há muitas coisa na Ucrânia que são diferentes de Portugal” (A.W., 9 anos).</p>		
Globais	<p>“Eu aprendi que os países têm cultura diferentes, músicas diferentes e hinos diferentes” (D.C., 9 anos).</p> <p>“Eu aprendi que todos os países têm culturas diferentes, comidas típicas são todas diferentes, as bandeiras são todas diferentes...” (M.D., 9 anos).</p> <p>“Eu aprendi que estes países têm muitas coisas diferentes... têm bandeiras, culturas, monumentos, danças.” (A.C., 9 anos).</p>		

Quadro 6- Opinião dos alunos face à pesquisa e apresentação dos “nossos países”.

Como já foi referido anteriormente, para a realização desta atividade, os alunos teriam de se deslocar para a biblioteca e fazer pesquisas no computador, o que influenciou a adesão dos alunos, que se mostraram bastante entusiasmados com a atividade.

No que diz respeito às aprendizagens efetuadas, como é possível observar no quadro 6, os alunos aprenderam várias características dos diversos países e, sobretudo aprenderam que todos eles apresentam culturas diferentes, bem como outras características, como o caso da moeda, do hino, das bandeiras, dos monumentos, entre outros, tal como é possível observar na seguinte transcrição: “Eu aprendi que estes países têm muitas coisas diferentes... têm bandeiras, culturas, monumentos, danças.” (A.C., 9 anos).

Os alunos ainda tiveram a oportunidade de refletir sobre as semelhanças e diferenças que podiam identificar nesses países, através das apresentações realizadas. As diferenças estiveram sobretudo relacionadas com o facto de terem culturas diferentes: “Eu notei que

as diferenças são muitas... cada um tinha danças e tradições... são diferenciadas e também cada um tinha uma própria cultura.” (D.G., 9 anos); e como semelhanças referiram aspetos como a língua falada nos países de língua oficial portuguesa, como o caso de Portugal, Cabo Verde, Angola e Brasil: “As semelhanças são que há países que também falam português” (D.C., 9 anos).

É possível salientar ainda outras aprendizagens adquiridas pelos alunos através desta atividade, como a autonomia, através do trabalho autónomo que fizeram ao pesquisar e ao recolher informações e, ainda, a importância do trabalho em equipa, sendo que se uniram para juntar a informação que cada um recolheu e procederam à construção e apresentação de um cartaz. O excerto seguinte é exemplificativo: “Aprendi que em conjunto conseguimos mais coisas” (N.N., 10 anos).

Quanto às dificuldades sentidas, os alunos apontaram para o facto de terem que encontrar as informações na internet, embora se tenha dado indicações de como deveriam proceder para a recolha de informações, referiram ainda a parte da atividade correspondente à construção do cartaz, em que tinham que juntar toda a informação e pensar, em grupo, como deveriam escrever a informação no cartaz e como deveriam organizá-lo de forma a ficar esteticamente apresentável. Ainda, poucos alunos, referiram o facto de a apresentação do trabalho de investigação os ter deixado nervosos, o que já era expectável, porque embora sejam alunos bastante participativos, não estão tão habituados a fazer apresentações mais formais em frente à turma.

Quanto à experiência dos alunos, é possível afirmar que todos os alunos gostaram desta atividade, tal como consta no quadro 7, justificando com a ida à biblioteca para poder fazer pesquisas e, ainda, alguns alunos referiram que gostaram de fazer o cartaz, afirmando ter sido muito divertido o facto de terem trabalhado em grupo.

Através desta atividade, os alunos puderam conhecer imenso sobre os países, tanto os países que pesquisaram, como os países que os colegas apresentaram. Os alunos perceberam, sobretudo, que todos esses países têm culturas diferentes, salientando a gastronomia, música, dança, tradições e ainda monumentos, hinos e moedas. Foi notória também a felicidade dos alunos quando o seu país ou o país onde os seus pais nasceram era falado, inculcando um sentimento de orgulho e de pertença, principalmente em momentos de conversa em que os alunos queriam mostrar o que sabiam do “seu” país,

contar histórias sobre o mesmo e até falar na língua do país, como aconteceu com uma aluna que pediu para ensinar os colegas algumas palavras em ucraniano.

2.5. Dança ao ritmo dos “nossos países”

Podem-se identificar como principais objetivos desta atividade perceber as diferenças e semelhanças dos ritmos musicais de cada país; e compreender a importância das diferenças.

Esta atividade estava interligada com a atividade realizada anteriormente: “Vamos saber mais sobre os “nossos países”. Na atividade realizada anteriormente, os alunos, numa parte do guião, teriam de ouvir algumas músicas do país que pesquisavam e escolher a que gostassem mais. É nesse sentido que surge esta atividade. Inicialmente pretendia-se que os alunos se colocassem de pé, atrás das suas cadeiras, sem se poderem mover pela sala, seguindo-se o dançar “livremente”, seguindo o ritmo da música. No entanto, me apercebi que seria mais oportuno a atividade ser realizada na rua, a turma foi organizada numa fila para que ordeiramente os alunos fossem para a rua e pudessem dançar mais livremente, sem se sentirem incomodados com os materiais da sala de aula.



Figura 12- Realização da atividade "Dança ao ritmo dos 'nossos países'".

No final, os alunos tiveram que refletir sobre as diferenças e semelhanças existentes entre os ritmos das músicas de cada país, sobre a importância da música na cultura de cada país e, ainda, sobre a importância do respeito pelas diferenças e pelas diferentes culturas.

Apresentam-se, em seguida, as opiniões dos alunos face à dança ao ritmo dos nossos países.

Aprendizagens	Dificuldades	Experiência
<p>“Aprendi como são as músicas dos outros países. São todas muito giras” (A.W., 9 anos).</p> <p>“Aprendi também a dançar algumas músicas dos outros países” (L.M., 9 anos).</p>	<p>“Descobrir de onde são todas as músicas. Algumas eu não consegui adivinhar” (C.F., 9 anos).</p>	<p>“Foi o que mais gostei de fazer até agora. Foi muito divertido” (A.C., 9 anos).</p> <p>“Eu gostei muito e adivinhei de onde eram todas as músicas” (L.M., 9 anos).</p>

Quadro 7- Opinião dos alunos face à dança ao ritmo dos nossos países.

Desde o início desta atividade, os alunos demonstraram estar interessados e bastante entusiasmados, uma vez que era uma atividade que iriam para o espaço exterior da escola e ainda poderiam dançar livremente ao ritmo de diversas músicas.

Relativamente às aprendizagens efetuadas, como é possível observar no quadro 8, os alunos aprenderam algumas características dos ritmos dos diferentes países, podendo identificar, através da música que ouviam e dançavam, de que país se tratava. Com isto, foi possível que tivessem a noção da importância da música para a cultura e identificação de cada país, bem como para diferenciá-los, tal como é possível perceber através da seguinte transcrição que se referia ao estilo de música original de Cabo Verde conhecido por Funaná: “eu sei que esta música é de Cabo Verde porque é para dançar rápido” (F.S., 10 anos) que se referia ao estilo de música original de Cabo Verde, conhecido por Funaná.

No que se refere às dificuldades sentidas, a maioria dos alunos afirmou não ter sentido nenhuma, no entanto alguns alunos identificaram como dificuldade o facto de não conseguirem identificar a origem de todas as músicas, talvez porque não tivessem ainda muito familiarizados, mas no final da atividade, em que já tinham ouvido pelo menos uma vez uma música referente a cada país, tiveram mais facilidade em descobrir a que país pertencia cada música.

No que diz respeito à experiência dos alunos, foi notório através da forma que se envolveram e se divertiram, que os alunos gostaram e sentiram que foram capazes de

identificar a origem das músicas, tal como é possível também confirmar através do quadro 8.

Face ao exposto é possível afirmar que foi possível concretizar os objetivos desta atividade, uma vez que os alunos foram capazes de identificar e distinguir as músicas de cada país, através do seu ritmo e da forma como dançavam (mais rápido ou mais lento), e compreenderam a importância da música para a cultura de cada país.

2.6. Realização dos bonecos interculturais

Esta atividade tinha como principais objetivos conhecer as diferentes identidades culturais; conhecer os direitos humanos e ainda refletir sobre a interculturalidade. Promovendo, também o respeito pelas diferenças.

A realização desta atividade consistiu na elaboração de um boneco/ uma boneca com a utilização de alguns materiais recicláveis para o Dia da Criança.

Cada aluno pôde construir o seu próprio boneco/boneca, numa lata de atum, apenas escolhendo os materiais como uma rolha, a cor do/a boneco/a que queriam, as roupas, cabelos (lã) e decorativos, como pérolas, laços e missangas. Os alunos teriam a opção de utilizar uma fita, para que o boneco pudesse ser pendurado.

Os alunos começaram por medir a parte exterior da lata de atum. De seguida recortaram o papel de feltro de forma a colá-lo em volta da lata e por dentro, com o auxílio das estagiárias para colocar a cola quente. Depois colaram o papel de feltro à rolha e cortaram dois pedaços de papel de feltro que representariam as mãos e os pés. Seguidamente colaram o tecido da roupa e colaram os fios na parte superior e inferior da rolha, que representariam os braços e as pernas, colando, nestes, as mãos e os pés. Em seguida deveriam colar a cabeça à parte superior da rolha e decorá-la e, por último, deveriam colar



Figura 13- Realização da atividade "bonecos interculturais".

os bonecos nas latas de atum e colocar uma fita para quem quisesse utilizar os bonecos para pendurar.



Figura 14- Realização da atividade "bonecos interculturais".

Posto isto, no final, após todos os bonecos estarem concluídos, foi feita uma breve discussão com os alunos sobre a igualdade e a diferença, uma vez que obtiveram bonecos diferentes uns dos outros, bem como uma reflexão sobre a importância do respeito pelos outros e pelas diferentes tonalidades de pele.



Figura 15- Bonecos interculturais.

Quanto à metodologia desta atividade, esta foi realizada individualmente, estando as estagiárias a circular pela sala para ajudar, no entanto a discussão foi realizada em grande grupo.

Apresentam-se, em seguida, as opiniões dos alunos face à realização dos bonecos interculturais.

Aprendizagens	Dificuldades	Experiência
“Aprendi que não importa a cor da pessoa” (C.F., 9 anos).	“Meter o papel que cortei dentro da lata de atum” (M.D., 10 anos).	“Gostei muito de fazer a boneca, ficou muito gira e vou metê-la na porta do meu quarto” (A.W., 9 anos).
“Aprendi que há pessoas de todas as cores e são todas bonitas” (M.D., 9 anos).	“Escolher o cabelo e as roupas da minha boneca” (C.F., 9 anos).	“Gostei muito porque fiz a minha boneca com as coisas que gostei mais e todas as bonecas ficaram diferentes” (L.C., 10 anos).
“Aprendi que somos todos diferentes, temos cores diferentes, cabelos diferentes, e somos todos bonitos” (D.G., 9 anos).		

Quadro 8- Opinião dos alunos face à realização dos bonecos interculturais.

A presente atividade, como já referido, foi realizada para o Dia da Criança, que serviria, também, como um presente e recordação que as crianças poderiam guardar e levar para as suas casas, o que pode ter sido um dos fatores que influenciou o enorme entusiasmo demonstrado pelos alunos.

No que diz respeito às aprendizagens efetuadas, como é possível observar no quadro 9, os alunos aprenderam valores como o respeito pelas diferenças e que, apesar de, tal como os bonecos, sermos todos diferentes, essas diferenças são o que nos fazem ser únicos e especiais, tal como referido por um dos alunos: “Aprendi que somos todos diferentes, temos cores diferentes, cabelos diferentes, e somos todos bonitos” (D.G., 9 anos).

Em relação às dificuldades sentidas, a maioria dos alunos referiu aspetos relacionados com a construção dos bonecos, como a realização de recortes, colagens e à escolha de tecidos, lã para cabelo e outros objetos decorativos, tal como consta no quadro 9. Todas essas dificuldades sentidas, eram auxiliadas pelas estagiárias para poderem ser ultrapassadas.

Quanto à experiência, todos os alunos afirmaram ter gostado desta atividade, salientando algumas das suas aprendizagens como consta na seguinte transcrição: “Gostei muito desta atividade. Fizemos todos bonecos diferentes e estão todos muito lindos” (A.C., 9 anos).

Nesse sentido, é possível dizer que esta atividade atingiu os seus objetivos, pois através da realização e observação dos bonecos realizados pelos colegas, os alunos puderam perceber que eram todos diferentes, desde a “tonalidade da pele” até à forma como estavam vestidos, podendo, assim, marcar diferentes identidades. Através dessas diferenças puderam discutir sobre a interculturalidade e a importância do respeito pelas diferenças, que também está relacionado com o respeito pelos direitos humanos, tal como referiu um dos alunos: “Aprendi que há pessoas de todas as cores e são todas bonitas” (M.D., 9 anos).

Capítulo VI – Considerações finais

Neste último capítulo, irei refletir sobre o processo de intervenção pedagógica desenvolvido no decorrer do Estágio IV, bem como sobre o contributo que a mesma pode ter tido para as aprendizagens dos alunos e o seu desenvolvimento a nível pessoal, tal como o meu, que conta também com o desenvolvimento a nível profissional. Surge a necessidade ainda de encontrar as respostas para a questão formulada que esteve na base da presente investigação, bem como perceber se os objetivos da mesma foram concretizados.

Este estudo teve como objetivo perceber a importância da educação multi/intercultural para o currículo e para o desenvolvimento pessoal e social da criança, partindo do conto de histórias que abordem diferentes culturas, tendo sido, por isso, formulada a seguinte questão: “Como é que as histórias da literatura para a infância podem contribuir para uma educação multi/intercultural?”

Para a realização do presente estudo estiveram na base objetivos criados para poder responder à questão de investigação. Esses objetivos eram 1 - Identificar e compreender de que forma as histórias da literatura para a infância podem contribuir para uma educação multi/intercultural; 2 - Sensibilizar os alunos para o respeito pelas diferenças.

Uma vez que o presente projeto estava relacionado com a importância da promoção de uma educação multi/intercultural, a diversidade cultural presente no grupo foi utilizada como um fator enriquecedor para o processo de ensino-aprendizagem, tendo sido exploradas histórias de literatura para a infância de países que estivessem relacionados com os alunos, tal como acontece com a A.W. (mãe ucraniana e pai russo), A.C. e H.N. (pais angolanos), M.M. e R.C. (cabo-verdianas), M.C. e N.N. (brasileiros), sendo o resto do grupo portugueses, lembrando, assim, que foram exploradas histórias de literatura infantojuvenil de Portugal, Cabo Verde, Angola, Brasil, Rússia e Ucrânia. Assim, seria possível partir do que as crianças já sabiam sobre os outros países, para tornar a aprendizagem para o grupo mais enriquecedora, tendo em conta que o “conhecimento do mundo parte do que as crianças já sabem e aprenderam nos contextos em que vivem” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016, p. 85).

Segundo Short (2009), é importante que as crianças explorem as suas culturas para que possam compreender a importância da cultura na vida de quem os rodeia, por isso, devem

partilhar as suas experiências de fazer parte de um grupo cultural diferente, com os seus colegas, e, em razão disso, é importante que essas crianças vejam a suas culturas retratadas nos livros, para que possam valorizar a escola. Por isso, ao abordar histórias de literatura infantojuvenil dos países trabalhados, era possível que essas crianças estabelecessem uma conexão com a sua cultura, o que contribuiu para uma maior partilha de conhecimentos entre o grupo, sendo que esses alunos queriam falar sobre a gastronomia, como por exemplo a M.M. (10 anos), que referia várias vezes que os colegas deveriam experimentar ‘Cachupa’, e queriam ensinar a falar a língua do país, tal como consta no seguinte excerto exemplificativo: “Posso ensinar a falar russo. Olá em russo é ‘privet’” (A.W.,9 anos), e ainda sobre os monumentos: “o Cristo Rei é tão grande que dá quase para ver o Brasil inteiro” (M.C., 10 anos).

Relativamente ao objetivo: “Identificar e compreender de que forma as histórias da literatura para a infância podem contribuir para uma educação multi/intercultural”

O presente relatório mostra que a promoção de uma educação multi/intercultural através de histórias da literatura para a infância e de outras atividades permitem a aquisição de novas aprendizagens e influenciam o desenvolvimento pessoal e social da criança, uma vez que promovem o conhecimento de diferentes culturas e salientam a importância do respeito pela diversidade cultural.

Primeiramente, refiro a importância que a literatura apresenta para a aquisição de novas aprendizagens e, neste caso, na importância que pode ter para o conhecimento de outras realidades e de outras culturas, uma vez que as histórias podem ser consideradas “como veículos de passagem do património cultural de grupos e sociedades” (Mateus & Solla, 2013, p. 398). Assim, através da leitura de histórias para a infância de cada país, os alunos puderam conhecer alguns aspetos relacionados com a cultura dos mesmos (quadro 3) e, sobretudo, aprenderam que esses países apresentam características diferentes que os distinguem, estando, assim, os alunos, mais próximos de perceber os conceitos de cultura e diversidade cultural, pois segundo o aluno D.G. (9 anos) a leitura de histórias de literatura infantojuvenil sobre diferentes países é importante “porque assim aprendemos o passado de cada país, o presente e as tradições”.

Com o decorrer do processo de intervenção, constatou-se que cada vez que era realizada a leitura de uma história de um país, os alunos se sentiam mais à vontade para participar e com mais facilidade em perceber que os países tinham todas características diferentes.

É de salientar a importância dos momentos de diálogo em grande grupo após a leitura, em que os alunos poderiam discutir sobre o que aprenderam através do conto e poderiam colocar questões orais. Durante estes momentos, os alunos participavam ativamente, mostrando entusiasmo e empenho, demonstrando assim, também, o seu interesse e curiosidade sobre as histórias lidas. Também durante estes momentos, era crucial estar atenta ao que os alunos diziam, pois, nestas faixas etárias, a leitura sobre diferentes culturas, deve ser observada por um mediador “atento ao visível e ao invisível; às vezes e aos silêncios que os textos encerram e que os tornam objetos portadores de ideologias dominantes, de estereótipos sobre o Outro e de visões distorcidas do mundo” (Balça, Azevedo, Pires, & Costa, 2011, p. 3).

Além de promover novas aprendizagens, a literatura também se constitui como um excelente fio condutor, que pode estabelecer relação com outras atividades. Foi assim que foram surgindo as outras atividades realizadas ao longo do projeto. Após a realização das diferentes atividades, eram sempre promovidos momentos de diálogo e de partilha de opiniões e aprendizagens, o que influenciou o aumento do conhecimento dos alunos. É possível afirmar que essas atividades, para além de terem promovido novas aprendizagens, também serviram para consolidar as aprendizagens que haviam adquirido através da literatura para a infância.

No que diz respeito ao segundo objetivo: “Sensibilizar os alunos para o respeito pelas diferenças”.

Ao finalizar a minha intervenção, os alunos demonstraram que adquiriram competências interculturais, ao se mostrarem sensibilizados com a importância do respeito pela diversidade cultural, afirmando que a diferença deve ser vista como algo positivo: “é bom porque não devemos ser todos iguais, cada um à sua maneira, é bom ter coisas diferentes”. (B.H., 10 anos). Que a diferença permite adquirir novas aprendizagens: “eu tenho costumes diferentes dos outros, mas esses costumes que eu tenho ajudam-me a aprender sobre a cultura dos outros países e que os outros países são diferentes, mas isso é bom” (D.R., 9 anos). Que não se deve julgar as pessoas pela aparência: “nós nunca podemos julgar as pessoas pela aparência pois por dentro temos todos sangue, coração...” (L.C., 10 anos). Que as diferenças devem ser respeitadas: “Nem todos somos iguais e devemos respeitar” (L.M., 9 anos). E que as diferenças podem nos unir: “Todos os países têm de ter as suas diferenças e é isso que os une.” (M.D., 9 anos).

Face ao exposto, é possível afirmar que os objetivos concebidos para poder responder à questão de investigação foram concretizados.

Em resposta à questão: “Como é que as histórias da literatura para a infância podem contribuir para uma educação multi/intercultural?”

Constata-se que as histórias permitem a compreensão e a “abertura” ao outro, o conhecimento de realidades e de culturas diferentes, permitem a reflexão sobre essas diferenças e a sensibilização para o respeito por essas diferenças, o que pode provocar a alteração de comportamentos ao facilitar a aceitação do que é diferente, formando, assim, cidadãos mais conscientes, diminuindo atitudes de preconceito e exclusão, o que foi notório durante a realização da atividade “realização dos bonecos interculturais”, em que muitos dos alunos preferiram fazer bonecos com características que fossem semelhante aos seus colegas e/ou amigos mais próximos, ou apenas fazer bonecos que tivessem características diferentes das suas. E, por isso, as histórias são um ótimo instrumento para trabalhar a educação multi/intercultural. Ao ler essas histórias, é possível formarmos leitores que respeitam a sua própria identidade e respeitam a identidade do outro.

Como já foi referido anteriormente, as histórias permitem o conhecimento de realidades e de culturas diferentes, pois através das histórias percebeu-se que os alunos aprenderam algumas características dos diferentes países explorados, como é possível observar no quadro 2 (p.50), em que salientam os valores de Portugal, afirmando que não se deve esquecer a família, a gastronomia de Cabo Verde, referindo-se às Patancas, a música de Angola, as crenças do Brasil, onde acreditam que existe a “mãe d’água”, a história da Ucrânia, sabendo que foram governados por reis, a diversidade linguística, que estava presente na maioria das histórias, em que, para além das palavras diferentes que aprenderam, destacam o facto de na Rússia existir a palavra “Baba”, mas com um significado diferente daquele que conhecem. Os alunos aprenderam, sobretudo, que as pessoas são diferentes (“As pessoas são diferentes nos outros países”, A.W., 9 anos), que existe diversidade linguística (“Os países têm línguas diferentes”, C.F., 9 anos), e que, de facto, existem diferentes culturas (“Os países têm culturas diferentes”, D.G., 9 anos) (quadro 3, p.52).

O conto de histórias desenvolvia, também, a autoestima dos alunos que fariam parte da “minoría”, pois “a teoria da autoestima defende que as pessoas precisam de ter sentimentos positivos, de sentir valor próprio que é satisfeito quando recebem aprovação

dos outros e é frustrado/afetado quando recebem dos outros o desdém ou desprezo” (Cardoso C. M., 1996, p. 19) e, através do conto das histórias, era permitido aos alunos que conhecessem e falassem mais sobre os seus países, o que promovia a aceitação e valorização das suas diferenças culturais, aumentando, por isso, a sua autoestima, o que se constatou pelo facto de os alunos, cada dia mais, sentirem vontade de falar sobre os seus países.

Relembro que após o conto das histórias era sempre promovido um diálogo em que se abordava as questões principais da história e as aprendizagens efetuadas ou consolidadas pelos alunos, em que os alunos com diferentes culturas, podiam, ainda, falar sobre a sua realidade. Como por exemplo quando, após a leitura, a M.M. (10 anos), identificava expressões do texto, como “bi”, e mostrava-se entusiasmada para dizer aos colegas o seu significado, quando a A.W. (9 anos), queria ensinar aos colegas a falar russo, quando o M.C. (10 anos), falava bem do Brasil, inclusive que os colegas deviam visitar o país, porque tem muitas praias com água “quentinha” e a N.N. (10 anos) completava a dizer o quão deliciosos são os pães de queijo. Esse é um dos aspetos que contribuiu para uma educação multi/intercultural, uma vez que esta educação valoriza o diálogo entre as diferentes culturas (Amorim, 2002).

Os dados dos inquéritos por questionário aplicados aos alunos e o inquérito por entrevista à professora cooperante foram cruciais para perceber a perspetiva dos alunos e da professora cooperante. Através do inquérito por questionário realizado com os alunos, pude perceber o que os alunos sabiam sobre os conceitos relacionados com interculturalidade e, através do inquérito por entrevista realizado com a professora cooperante, pude perceber o seu ponto de vista quanto à importância de uma educação multi/intercultural.

Este projeto permitiu articular diversas áreas, tentando sempre integrar os conteúdos programáticos sugeridos pela professora cooperante, nomeadamente a Área Curricular de Estudo do Meio, de Português e de Expressão Artística, de forma a poder tornar as aprendizagens dos alunos mais significativas.

Durante todo o processo de intervenção pedagógica foi importante refletir sobre a minha prática como professora estagiária e investigadora. Cresci como uma futura profissional na área da educação e enquanto pessoa. Aprendi a melhorar, quer seja a nível profissional, quer seja a nível pessoal, através do ambiente e com as pessoas que convivi. Aprendi

imenso com a professora cooperante, com a minha colega de estágio e aprendi imenso com cada uma das crianças, através de conversas, observação, vivências, brincadeiras, e por aí adiante.

Através da realização deste projeto, tornou-se ainda mais evidente a importância de uma educação multi/intercultural e que deve ser trabalhada desde idade precoce. É importante que as crianças estejam cientes desde cedo que existem diferenças e que saibam aceitá-las e conviver com elas, tal como concorda a professora cooperante, que afirma que “é importante para que eles à medida que cresçam não haja tantas barreiras, para levar à aceitação e compreensão do completamente diferente. No sentido de mais tarde não haver a chamada dita exclusão.” (entrevista).

Realizar este projeto foi um enorme desafio, em que realço a limitação de tempo. Além da limitação do tempo, destaco, ainda, a situação de pandemia que vivemos, sendo que esta situação limitou a participação das famílias no projeto, uma vez que seria do meu interesse que as famílias pudessem participar ao partilhar um pouco as suas culturas. Mas foi importante poder contar com uma turma que demonstrou, desde o início, interesse e motivação na realização das atividades.

Para finalizar, a realização deste relatório foi bastante benéfico e enriquecedor para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. A nível pessoal, aprendi que o ensino, o contato com os alunos, o seu entusiasmo, carinho, amizade, e sentir que posso fazer a diferença na vida dessas crianças, é o que me faz sentir realizada enquanto pessoa. A nível profissional, mais uma vez, percebi a importância do papel do professor, e a importância da realização de atividades que promovam uma educação multi/intercultural. Percebi que não deve existir uma “fórmula” para a educação multi/intercultural, devemos utilizar estratégias de ensino diferentes, adequadas a cada grupo, que possam ser mais dinâmicas e atraentes, de acordo com os gostos e necessidades do grupo.

Considero que a importância da educação multi/intercultural baseia-se na formação de alunos com “mente aberta”, com curiosidade para descobrir o outro e, sobretudo, com respeito pelo outro e pelas diferenças culturais, pois “a educação intercultural tem de reorientar as verdadeiras prioridades para valores e atitudes. Aprender a escutar o próximo, adquirir aptidões comunicacionais com o diferente, apreciar – ao invés de depreciar- o património cultural dos outros, descobrir o fascínio da diversidade, resistir ao autocentrismo cultural (...), combater o secularismo cego, libertar de preconceitos e de

dogma redutor (...) são tarefas da educação moderna.” (Carneiro, 2003, p. 73). Por isso, sem dúvida, futuramente, irei colocar em prática uma educação multi/intercultural.

Referências

- Afonso, C., & Cavalcanti, J. (2006). *Do desconhecimento do Outro à Interculturalidade: a vida (re)escrita no processo de formação profissional*. Porto: ESEPF.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista Em Educação: Um guia prático e crítico* (1ª ed.). Porto: Edições ASA.
- Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista em Educação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Alarcão, I. (2001). *Professor-investigador: Que sentido? Que formação?* Porto: INAFOP/Porto Editora.
- Albarelo, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. P., Maroy, C., Ruquoy, D., & Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Almeiada, J., & Pinto, J. (1990). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Amado, J., & Ferreira, S. (2014). *A entrevista na investigação em Educação* (2ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amorim, M. J. (2002). *Educação Intercultural Todos Juntos! Pais & Filhos*. Lisboa: Nº137.
- Balça, A. (2006). *A promoção de uma educação multicultural através da literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Lidel.
- Balça, A., Azevedo, F., Pires, N., & Costa, P. (2011). *Identidades culturales y globalización: una outra mirada al alcance de la literatura infantil*. Barcelona.
- Bennett, C. I. (1999). *Comprehensive multicultural education: Theory and practice*. Boston: Allyn & Bacon.
- Besalú Costa, X. (2000). *La escuela y la interculturalidad, Propuesta culturales, Actas de las VI Jornadas Internacionales*. Madrid: Edinumen.
- Bodgan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Borges, M. L., & Silva, M. S. (2000). *Educação Intercultural no Pré-escolar: dos factos às representações. Actas do IV Congresso Português da Sociologia*.
- Cai, M. (2002). *Multicultural Literature for Children and Young Adults. Reflections on Critical Issues*. Westport: Greenwood.
- Cardoso, C. M. (1996). *Educação Multicultural*. Lisboa: Texto Editora.

- Cardoso, C. M. (1996). *Educação Multicultural: percursos para práticas reflexivas*. Lisboa: Texto Editora.
- Carneiro, R. (2003). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem: 21 ensaios para o século XXI*. (2ª ed.). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Cavalcanti, J. (2004). *Leitura e pensamento: espaços de intervenção para a formação de uma identidade cultural e espírito de cooperação*. Porto: ESEPF.
- Coelho. (2000). *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis.
- Coelho, M. (1996). *Formação do Educador; dever do Estado, tarefa da Universidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Cortesão, L., & Pacheco, N. A. (1991). *O Conceito de Educação Intercultural: Interculturismo e Realidade Portuguesa*.
- Del Arco, B. (1998). *Hacia una escuela intercultural. El profesorado: formación y expectativas*. Lleida: Edicions Universitat de.
- Delors, J., & et al. (1996). *Delors, J. et al. (1996). Educação: um tesouro por descobrir*. Paris: UNESCO.
- Demorgon, J. & al. (1999). *Guide de l'interculturel en formation, ed. Retz coleção au coeur de la formation*. Paris.
- Díaz-Aguado, M. J. (2000). *Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa*. . Porto: Porto Editora, Lda.
- Dionísio, M. L. (2005). *Pedagogia da leitura: Princípios e práticas*. Coimbra: Almedina.
- Direção-Geral da Educação. (s.d.). *Educação Intercultural*. Lisboa: Ministério da Educação. Obtido em 17 de outubro de 2021, de <http://www.dge.mec.pt/educacao-intercultural>
- Dolan, A. M. (2014). *ntercultural Education, Picturebooks and Refugees: Approaches for Language Teachers. Children's Literature in English Language Education Journal*. 2195-5212: ISSN.
- Eliot, T. S. (1996). *Nottas para uma Definição de Culttura*. . Lisboa: Século XXI, [1948].
- Ferreira, M. M. (2003). *Educa^oção Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ford. (1989). *A Workshop on Multicultural Education, polycopié*.
- Freixo, M. J. (2012). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito - Teoria e Prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Gomes, J. A. (s.d.). *Literatura para a infância e juventude entre culturas*.
- Hall, S. (2006). *Identidade cultural e diáspora*. Reino Unido: Open University.

- Lages. (2006). *Atitudes e valores perante a imigração , Alto Comissário para a Imigração e Minorias étnicas*. Lisboa.
- Latorre, A., Del Rincon, D., & Arnal, J. (1996). *Bases metodológicas de la investigación educativa*. Barcelona: Hurtado Ediciones.
- Leite, C., & Rodrigues, M. L. (2001). *Contar um conto, acrescentar um ponto: Uma abordagem intercultural na análise da literatura para a infância*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Leite, C., & Rodrigues, M. L. (2001). *Leite, C. & Rodrigues, M.L. Jogos e contos numa educação para a cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Leite, C., & Rodrigues, M. L. (2001). *Leite, C. & Rodrigues, M.L.. Jogos e contos numa educação para a cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, J. Á., & Pacheco, J. A. (2006). *Fazer Investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural. (2008). *Viver Juntos em Igual Dignidade*. Estrasburgo.
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada (4ª ed.)*. Porto Alegre: Bookman.
- Mateus, H. M., & Solla, L. (2013). *Ensino do Português como Língua Não Materna: Estratégias, Materiais e Formação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus, M.-H. M., & Solla, L. (2013). *O ensino português como língua não materna : estratégias, materiais e formação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico - 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Ministério da Educação. (2005). *Orientações Curriculares para a Educação PréEscolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Morgado, M., & Pires, M. N. (2010). *Educação Intercultural e Literatura Infantil. Vivemos num Mundo sem Esconderijos*. Lisboa: Edições Colibri.
- Nações Unidas. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 26º*.

- Nieto, S., & Bode, P. (2008). *Affirming Diversity - The Sociopolitical Context of Multicultural Education*. (A. Sequeira, Trad.) United States: Pearson Education, Inc.
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática. Em Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: APM.
- Pontes, V., & Azevedo, F. (2008). *A Criança e a Literatura Infantil: Uma Relação Fantástica em Sala de Aula*. Braga: Instituto de Estudos da Criança: Universidade do Minho.
- Ramos, A. (2003). *Introdução à psicologia social*. . Santa Catarina: UFSC.
- Rius, N., & Roca, J. (2012). *A literatura comparada na educação literária e intercultural*. Braga: Instituto de Investigação - Universidade do Minho.
- Robinson, G. L. (1985). *Cross cultural understanding processes and approaches for foreign language, English as foreign language and bilingual educators*. New York and Oxford: Pergamon.
- Rodrigues, E. C. (2009). *A integração dos Alunos de Origem Estrangeira na Escola Portuguesa*. Lisboa: Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras.
- Roegiers, X., & Ketele, J. M. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Romani. (2004). *Conhecimento e pesquisa no mestrado em educação: pesquisa em pós-graduação*.
- Romani et al. (s.d.).
- Sacristã, J. G. (2003). *O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizada*. São Paulo: Cortez.
- Sales, A., & García, R. (1997). *Programas de educación intercultural*. Bilbao: Desclée De Brouwer.
- Sarabiego, M. (2002). *La Educación Intercultural. Ante los retos del siglo XXI*. Desclée. Bilbao: Desclée De Brouwer.
- Seelye, N. (1993). *Teaching culture*. Chicago: IL: National.
- Sequeira, A. P. (2000). *Perspectivas de professores do 1º ciclo do Ensino Básico sobre o processo de ensino-aprendizagem em classes etnicamente heterogéneas*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Short, K. G. (2009). *Critically reading the word and the world: Building intercultural understanding through literature*. *Bookbird: A Journal of International Children's*. Obtido em 22 de dezembro de 2021, de <http://wowlit.org/Documents/LangandCultureKitDocs/22CriticallyReadingtheWorld.pdf>
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Sousa, O. C. (2007). *O Texto Literário Na Escola: Uma Outra Abordagem*. Lisboa: LIDEL.
- Souta, L. (1997). *Multiculturalidade e educação*. Setúbal: Profedições.
- Spring, J. (2012). *Deculturalization and the struggle for equality: A brief history of the education of dominated cultures in the United States*. Columbus: OH: MCGrawHill.
- UNESCO. (2000). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*.
- UNESCO. (2002). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Artigo 2º*.
- Unesco. (2009). *Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Paris: Unesco.
- UNESCO. (2009). *Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Paris: UNESCO.
- Vieira, R. (1999). *Ser inter/multicultural*.

Apêndices

14. Se sim, para onde? _____

15. Gostas de conhecer outros países e culturas? Sim Não

16. Já conheces alguma cultura de um país diferente, para além do país onde nasceste ou moras? Sim Não

17. Se sim, de que país? _____

18. O que achas sobre as pessoas terem diferentes costumes (forma de vestir, línguas diferentes, gastronomia variada, religiões diferentes)?

É enriquecedor É prejudicial

Justifica a tua resposta.

19. Tendo com conta o que sabes, o que significa cultura?

20. O que entendes sobre a diversidade cultural?

21. E o que entendes sobre a diversidade linguística?

22. O que gostavas de descobrir sobre a cultura de outros países?

Muito obrigada pela tua participação!



Apêndice 2 – Segundo Inquérito por questionário aplicado aos alunos.



Inquérito sobre diversidade cultural e linguística/

No âmbito de um trabalho que desenvolvemos no decorrer destas últimas semanas, para finalizar o meu curso, gostaria de saber algumas informações sobre o que aprendeste. Para isso, peço-te que respondas ao inquérito seguinte.

Agradeço, desde já, a tua participação.

Para responderes, **assinala com um “X”** a opção que considerares que se aplica ao teu caso, e completa a informação, quando for pedido.

1. Como te chamas? _____

2. Gostaste de conhecer outros países e culturas? Sim Não

3. Passaste a conhecer algumas características da cultura de que países?

4. O que achas sobre as pessoas terem diferentes costumes (forma de vestir, línguas diferentes, gastronomia variada, religiões diferentes)?

É enriquecedor É prejudicial

Justifica a tua resposta.

5. Tendo com conta o que sabes, o que significa cultura?

6. O que entendes sobre a diversidade cultural?

7. E o que entendes sobre a diversidade linguística?

8. Que diferentes línguas conheceste durante este projeto?

9. O que descobriste sobre a cultura de outros países?

10. O que ainda gostavas de descobrir sobre a cultura de outros países?

Muito obrigada pela tua participação!



Apêndice 3 – Guião da Entrevista realizada à professora cooperante.

Guião da Entrevista			
Indicadores	Objetivos	Tópicos	Questões
Informação sobre a professora cooperante	Obter dados sobre a formação e dados profissionais	Formação e dados profissionais	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua formação? - Há quantos anos trabalha no 1º Ciclo? - Há quantos anos trabalha nesta escola?
Trabalho desenvolvido relacionado com o tema do projeto	Obter dados sobre o trabalho que a professora desenvolve com a turma e a sua opinião sobre o tema	A educação multi/intercultural e a sua importância no currículo	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre teve turmas em que se identificasse alguma diversidade cultural? - De que forma a professora costuma abordar o tema da interculturalidade em sala de aula? - Considera que é um conteúdo que deve obrigatoriamente fazer parte do currículo? - Considera que abordar a multiculturalidade desde o 1º Ciclo do Ensino Básico influencia o desenvolvimento social da criança? Porquê? - Já vivenciou situações de discriminação, preconceito ou racismo entre alunos. Se sim, como agiu perante a situação?

			<p>- Durante a sua experiência profissional, já notou alguma diferença de comportamento dos alunos face à discriminação, preconceito ou racismo, após abordar este tema?</p>
<p>Reflexão sobre o projeto que está a ser desenvolvido</p>	<p>Identificar a opinião sobre a adequação das atividades propostas;</p> <p>Identificar expectativas sobre o resultado da pesquisa</p>	<p>Adequação das atividades propostas</p>	<p>- Considerou as atividades que propôs à turma adequadas, tendo em conta o tema do meu projeto?</p> <p>- O que teria feito de diferente?</p> <p>- Na sua opinião, o que poderia ter sido melhorado?</p> <p>Qual acha que será o contributo deste projeto a longo prazo?</p> <p>Tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?</p>

Apêndice 4 – Transcrição da Entrevista realizada à professora cooperante.

Estagiária: Bom dia, professora! Esta entrevista tem como objetivo conhecer a sua opinião em relação a alguns itens que identifico como a base do meu projeto de investigação. Para a realização desta entrevista, preciso do seu consentimento para que seja gravada. Concorda?

Professora Cooperante: Podes... Podes

Estagiária: Qual a sua formação?

Professora Cooperante: Sou licenciada em 1º ciclo.

Estagiária: Há quantos anos trabalha no 1º Ciclo?

Professora Cooperante: 30 anos. Sempre trabalhei no 1º ciclo.

Estagiária: Há quantos anos trabalha nesta escola?

Nesta escola... já trabalhei aqui uns 6 anos, depois fui-me embora e agora estou aqui há uns 10 anos

Estagiária: Sempre teve turmas em que se identificasse alguma diversidade cultural?

Professora Cooperante: Ah sim... sim. Desde que eu dou aulas, há sempre. Já tive inclusivamente uma turma de 14 alunos que eram 2 portugueses e 12 cabo-verdianos.

Estagiária: De que forma a professora costuma abordar o tema da interculturalidade em sala de aula?

Professora Cooperante: Olha normalmente é assim... há uma história que conto quase sempre aos alunos, que é a história do homenzinho verde. Conheces? É um homem que é todo verde, olhos verdes, cabelos verdes, pele verde, vive numa casa verde, com moveis verdes, tudo é verde à volta dele.... e eu conto-lhes sempre esta história e chega a um ponto que eles já estão fartos de tanto verde. E do nada aparece lá uma chefe, que é uma senhora cor-de-rosa. Utilizo esta história para eles perceber se já estavam fartos de tanto ver e se era importante haver outras cores. Normalmente esta história parte sempre para eles perceberem a importância de o mundo ter pessoas de várias cores... porque se tudo fosse da mesma cor, nós ficávamos fartos... Era tudo igual. Com esta pequena metáfora,

eu tento levar a eles a importância de que no mundo haja gente de todas as cores, tanto que eles me dizem “professora a gente é só a pele, porque se cortamos somos todos iguais por dentro”. E é isso que eu tento lhes mostrar, cada um tem a sua cultura, a sua forma de ver as coisas. Temos que entender os costumes e estar abertos e sensíveis às diferenças. Tento sempre tratar as coisas para que todos fiquem bem e tento sempre respeitar as crenças, o valor... tudo aquilo de cada um e tentar levar a eles. Às vezes até comparo com os clubes de futebol: se todos fossem do Sporting, não havia Benfica e os que são do Sporting têm que respeitar os do Benfica. Temos que aceitar que cada ser humano tenha as suas crenças e seja a favor daquilo que ele aprendeu, daquilo em que acredita. Nós temos que aprender a conviver com as pessoas independentemente de tudo isso, porque as pessoas são mais do que isso.

Estagiária: Considera que é um conteúdo que deve obrigatoriamente fazer parte do currículo?

Professora Cooperante: Considero. Aliás, eu acho que é um conteúdo que é transversal ao próprio currículo. Porque por exemplo, quando tens cidadania, podes abordar todos estes assuntos, por exemplos ao sensibilizar as crianças para a variedade de culturas. Podemos desenvolver outras habilidades, como a empatia, a compaixão, a amizade.

Estagiária: Considera que abordar a multiculturalidade desde o 1º Ciclo do Ensino Básico influencia o desenvolvimento social da criança? Porquê?

Professora Cooperante: Para mim até deve ser logo mais cedo, desde a pré-escolar. É importante para que eles à medida que cresçam não haja tantas barreiras, para levar à aceitação e compreensão completamente diferente. No sentido de mais tarde não haver a chamada dita exclusão.

Estagiária: Já vivenciou situações de discriminação, preconceito ou racismo entre alunos. Se sim, como agiu perante a situação?

Já vi a vários níveis e às vezes nem tem a ver com raça. Os meninos podem ser cruéis quando são pequenos e muitas vezes fazem a comparação entre eles. Uma vez já fiz uma coisa com os alunos em que lhes dei peras e perguntei que peras é que eles haviam de escolher. Aquilo que eles punham logo de parte na pera, era porque tinham uma parte escura e eu disse que as vezes as peras também são como as pessoas: quando olhamos

parece que está tudo bem, mas às vezes guardam magoas e feridas que às vezes nós não sabemos o que vai lá dentro, e que isso é o suficiente para, às vezes, excluírem aquela pessoa. Portanto a exclusão existe a vários níveis, já vi muita... em todos os níveis. Já vi racismo por exemplo de pessoas de cor mais clara para pessoas com pele mais escura e já vi ao contrário.

Há várias maneiras de agir perante essas situações de racismo. Conto-lhes histórias e depois, no fim, acabam, muitas vezes, por pedir desculpas, abraçam-se. Tento-lhes chamar sempre à atenção. Por exemplo, não vou dizer que ele está errado e vou condená-lo, mas vou explicar que aquela atitude não está correta, porque temos que nos aceitar uns aos outros. Já lhes expliquei também o que é a melanina e porque é que umas pessoas têm mais ou menos melanina que outras pessoas, até porque as vezes eles perguntam “óh professora, porque é que eu sou mais escuro e eles mais claros?” e eu explico... e tento ir com eles ao fundo da questão para eles perceberem. Faço eles verem que faz parte da vida e que temos que nos aceitar, independentemente de.

Estagiária: Durante a sua experiência profissional, já notou alguma diferença de comportamento dos alunos face à discriminação, preconceito ou racismo, após abordar este tema?

Professora Cooperante: Nota-se. Há turmas em que é necessário fazer mais vezes do que outras, mas na generalidade eu penso que eles depois acabam por ter relações normais e são todos amigos uns dos outros.

Estagiária: Considerou as atividades que propôs à turma adequadas, tendo em conta o tema do meu projeto?

Professora Cooperante: Sim.

Estagiária: O que teria feito de diferente?

Se fosse eu... Tu neste caso, és estagiária, não és professora, mas enquanto professora eu se calhar teria pedido aos pais se eles teriam disponibilidade para vir à sala de aula, para virem contar coisas. Por exemplo, em vez de teres sido tu a contar as histórias, ia ver se havia pais que tinham a disponibilidade para vir aqui contar uma história, até podiam contar na língua deles e depois em português..., mas com esta situação agora também seria complicado.

Estagiária: Na sua opinião, o que poderia ter sido melhorado?

Professora Cooperante: Fizeste muitas coisas diferentes: leste várias histórias dos diferentes países, fizeram investigação nos computadores, organizaram a informação, apresentaram à turma, fizeste as bonequinhas multiculturais... Se calhar o que podia ter sido feito de forma diferente, mas tendo em conta que o vosso tempo é muito limitado, teria feito, por exemplo: A semana de Cabo Verde. Nessa semana só fazia coisas de Cabo Verde, por exemplo dança, até a matemática podiam fazer receitas de Cabo Verde, com a quantidade de ingredientes. Organizar uma semana de cada país. Mas tinhas pouco tempo e também estamos numa situação de covid... não se pode fazer tudo.

Estagiária: Qual acha que será o contributo deste projeto a longo prazo?

Professora Cooperante: Um projeto destes a longo prazo, no meu ponto de vista, é tornar as pessoas mais compreensivas e mais empáticas umas com as outras... trabalhar a aceitação e sermos contra aquilo que é a exclusão social. Porque, infelizmente, e como nós sabemos, há em muitas cidades, e Setúbal é uma delas, em que bairros de pessoas de outras raças e etnias é quase que são postas de parte das cidades, que é um bocado essa exclusão, e isso assusta-me um bocado. Depois, por isso, há bairros em que têm escolas em que quase só há meninos de outras culturas, em que em vez de estarem todos misturados, há ali quase que uma segregação. Acho que para um mundo ser melhor, embora haja muita coisa em que temos que trabalhar, uma delas é a aceitação do outro, as pessoas tentarem se entender na sua plenitude e perceberem que mais do que ser gorda ou magra, alta ou baixa, ser escura ou clara, eu sou um ser humano e sou um ser único.

Estagiária: Tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

Professora Cooperante: Acho que está tudo dito.

Estagiária: Obrigada pela sua participação.

Apêndice 5 – Carta enviada

Setúbal, 26 de abril de 2021

Olá, cara turma,

Nós somos uma turma de uma escola de Setúbal, em Portugal, do 4º ano e gostávamos de saber como funciona a escola em Cabo Verde. Por isso preparámos algumas perguntas sobre as nossas curiosidades.

Gostávamos de saber: como são as vossas aulas, quais são as regras que devem respeitar na sala de aula, o que aprendem e qual a língua que falam na escola.

E quanto aos livros. Vocês usam muito os livros para aprender? Têm biblioteca para estudar? Nós temos e, na nossa biblioteca, também temos computadores para fazermos pesquisas. Vocês também têm?

Têm mesas individuais? Nós costumávamos estar sentados a pares com os nossos colegas, mas agora, por causa do Covid-19, temos mesas individuais. Por causa da pandemia, também temos fichas de avaliação todas as semanas. Vocês também têm? E como são as vossas notas?

Como é o vosso horário? O nosso é das 8h às 13h, exceto às terças-feiras, que também temos aulas durante a parte da tarde, das 14h às 16h. Por isso nem sempre almoçamos na escola. E vocês, almoçam na escola? E têm um refeitório para todos?

Por agora é tudo. Aguardamos ansiosamente a vossa resposta.

Obrigado pela vossa atenção.

A turma P4A.

Apêndice 6 – Carta recebida

Juncalinho, 28 de maio de 2021

Olá, cara turma P4A,

Como estão? Espero que esteja tudo bem convosco e que as aulas estejam correndo bem.

Nós somos uma turma do 4º ano da escola de Juncalinho, do concelho de Ribeira Brava, da ilha de São Nicolau.

Antes de mais nada queremos informar que a vossa carta foi bem recebida e é com muito prazer que vamos tentar resumidamente falar-vos um pouco da nossa realidade escolar.

Para começar digo-vos que as nossas aulas são interessantes e divertidas. Quanto às regras que devemos respeitar na sala diríamos que são muitas, por isso vamos citar as mais importantes:

- Ser assíduo e pontual;
- Entrar e sair da sala de aula de forma ordeira e calma;
- Trazer sempre todo o material necessário, para cada aula;
- Falar um de cada vez e colocar o dedo no ar para participar;
- Esperar que o professor lhe dê autorização para falar;
- Não mastigar pastilha elástica, rebuçados ou outros alimentos
- Não se levantar do lugar sem pedir autorização ao professor;
- Respeitar sempre as orientações ou conselhos de cada professor;
- Respeitar os colegas;
- Não fazer comentários despropositados durante as aulas;
- Não fazer ruídos ou brincar com o material;

- Não falar com os colegas enquanto o professor está a falar;
- Participar nos trabalhos propostos pelo professor para a sala de aula e para casa;
- Ser responsável pelos seus objetos pessoais e pelo seu material escolar;
- Não trocar material dentro da sala de aula,
- Deixar sempre o lugar limpo e arrumado;

Nas nossas aulas aprendemos conteúdos interessantes em todas as disciplinas. De uma forma geral aprendemos sobre a história e geografia Cabo verde, as ciências da terra e da vida, o mundo da matemática (números e álgebra, sistemas de numeração; números Naturais; múltiplos e divisores; Potenciação; Números Fracionários; Números decimais. ...), aprendemos também a ler e a escrever, estudar gramaticalmente, escrever exercícios em português.

A nossa língua materna é o crioulo, mas na escola falamos apenas o português. Usamos poucos livros para aprender porque a biblioteca da nossa escola não tem todos os livros que precisamos. A nossa escola possui computadores, mas até agora não fizemos o uso deles. Costumamos fazer as nossas pesquisas no computador do centro social da zona ou nos telemóveis das nossas famílias.

Devido à Pandemia o nosso horário é das 13 horas às 16 e 30 minutos. Durante as aulas usamos máscaras e mesas individuais que foram oferecidas pela cooperação luxemburguesa, com o devido distanciamento. Sempre que os professores querem saber se estamos a assimilar os conteúdos aplicam-nos fichas de avaliação e na maioria das vezes as notas são boas.

Às 15 horas fazemos o nosso almoço dentro da sala de aula pois a nossa escola não possui refeitório.

Por agora é tudo. Esperemos ter respondido bem as vossas curiosidades.

Saudações educativas.

A turma do 4º A.

Guião para a pesquisa de informação sobre os “Nossos Países”



Orientações para a organização e apresentação dos trabalhos de pesquisa:

Este trabalho será constituído por seis etapas:

1ª - O que vamos fazer.

2ª - O que já sei e o que quero saber.

3ª – Como vamos recolher e organizar a informação.

4ª – Como vamos preparar a apresentação da informação recolhida.

5ª – Como vamos apresentação.

6ª – O que aprendemos.

Material:

- Lápis de carvão;
- Lápis de cor;
- Livros;
- Borracha;
- Computadores;
- Canetas de feltro;

1ª Etapa – O que vamos fazer...

Neste trabalho vamos fazer uma pesquisa sobre um dos “Nossos Países”, para podermos conhecer mais sobre esse país e para ensinarmos o que aprendermos com este trabalho aos nossos colegas. Vamos também fazer um bilhete de identidade do “nosso país”!

Para realizar este trabalho vamos...

- ✓ Fazer pesquisas através da internet e dos livros da biblioteca;
- ✓ Registrar as informações que recolhemos;
- ✓ Construir um cartaz com as informações que recolhemos;
- ✓ Apresentar o nosso cartaz;
- ✓ Avaliar o que aprendemos com este trabalho.

Antes de começarmos a nossa pesquisa devemos identificar que país vamos investigar.

O país que vamos investigar é _____.

Elementos do grupo:

- _____ (eu)
- _____
- _____
- _____

2ª Etapa- O que já sei e o que quero saber...

Sobre este país eu já sei...

Sobre este país eu gostava de saber...

3ª Etapa- Como vamos recolher e organizar a informação

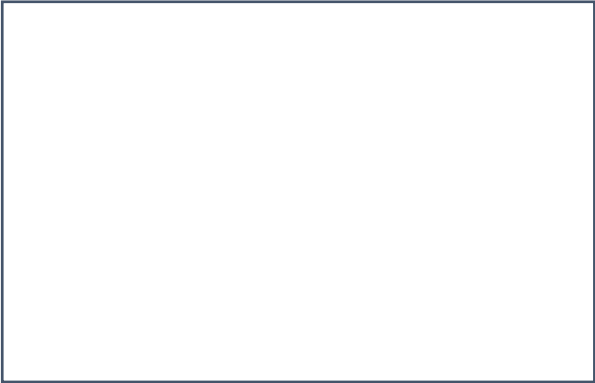
Como vou organizar a pesquisa com o meu grupo:

O que cada um vai pesquisar:

Quem vai pesquisar?	O que vai pesquisar?
	Informações para o Bilhete de identidade
	“Indica quais são os monumentos principais ou os mais conhecidos”
	“Identifica os principais rios do país.”
	“Quais são as principais atividades económicas?”
	“Informação sobre costumes e tradições”
	“Indica algumas das comidas típicas”
	“Quais são as danças e músicas tradicionais?”

Investiga para poderes obter informação sobre o “teu” país:

Preenche o “Bilhete de Identidade” do país.

Nome: _____	
Capital: _____	
Língua Oficial: _____	
Moeda: _____	
Religião: _____	
Área: _____	
População: _____	
Hino: _____	
Continente ao qual pertence: _____	
Países com quem faz fronteira: _____ _____	

Bandeira oficial.

Indicações: No espaço em branco em cima da “Bandeira Oficial” deves desenhar e pintar a bandeira oficial do país.

Indica quais são os monumentos principais ou os mais conhecidos.

Quais são as principais atividades económicas?

Identifica os principais rios do país.

Informação sobre costumes e tradições:

Indica algumas das comidas típicas:

- | | |
|----------|----------|
| 1. _____ | 3. _____ |
| 2. _____ | 4. _____ |

Quais são as danças e músicas tradicionais?

Ouve algumas músicas do país e escolhe a tua favorita. Indica a música que mais gostaste.

Seleciona uma imagem do mapa do país, de monumentos, comidas e paisagens, e coloca num documento “Word”, no teu computador. Pede à professora Jéssica para guardar a tua imagem.

Neste espaço podes colocar outras informações que descobriste que consideres importante.

4ª Etapa- Como vamos preparar a apresentação da informação recolhida

Para construir o cartaz vamos...

- ✓ Reunir as informações que recolhemos;
- ✓ Escrever o que consideramos mais importante sobre o que cada um de nós pesquisou, seguindo a tabela da divisão de tarefas;
- ✓ Desenhar e pintar a bandeira do país;
- ✓ Colar a imagem do mapa do país (e outras imagens que consideremos importantes);
- ✓ Deixar o cartaz o mais bonito que conseguirmos.

5ª Etapa- Como vamos apresentar

Para apresentar vamos...

- ✓ Organizar a apresentação tendo em conta a tabela de distribuição de tarefas;
- ✓ Estudar o que vamos apresentar;
- ✓ Falar de forma que todos os colegas consigam ouvir;
- ✓ Ser simpáticos com os colegas.

6ª Etapa- O que aprendemos

- O que aprendi sobre o país que pesquisei?

- O que aprendi sobre os países que os meus colegas apresentaram?

- O que aprendi sobre as diferenças entre estes países? E sobre as semelhanças?

- Neste espaço vou colocar outras coisas que aprendi com a realização deste trabalho.
